

# UNIÃO ATRAVÉS DE COMUNHÃO

## NOSSO DILEMA ATUAL

Os europeus e americanos, vivendo por muitos séculos sob a atual situação de igrejas divididas, acham impossível a ideia de algo diferente daquilo que conhecem. Isto acontece porque a civilização europeia sofre a influência das civilizações grega e romana. O cristianismo ocidental não escapou aos influxos daquelas culturas.

Sob a influência romana, o cristianismo tornou-se muito institucionalizado, enquanto a cultura grega produziu fortes tendências teológicas e filosóficas. O resultado foi, por um lado, o crescimento esplêndido da expansão missionária e expressões teológicas, mas, por outro lado, uma expansão infeliz de sectarismo e institucionalismo. Nossa experiência no Oriente tem sido diferente; portanto, talvez tenhamos algo para contribuir para o entendimento do corpo de Cristo.

O que vou dizer é resultado da medida de fé que me foi revelada pela Palavra de Deus, através do Espírito Santo. Todavia, não é mero fruto de especulação mas, sim o resultado de uma prolongada experiência com meus irmãos em Cristo. Longe de ser teoria pura ou especulação, esta ideia, à primeira vista fantasiosa e abstrata, pode ser realidade hoje, como é por muitos anos no Japão.

## O PECADO DAS DIVISÕES ENTRE OS CRISTÃOS

Há muitos missionários estrangeiros hoje no Japão provenientes de diferentes igrejas e grupos como também de países diversos. O número de denominações e seitas parece sem fim ao japonês médio, pois há mais de cem grupos que se chamam “cristãos”. Cada grupo tem sua doutrina particular ou organização pela qual se distingue e se separa dos demais. Embora alguns deles sejam bastante tolerantes e dispostos a cooperar com os demais, outros são muito intolerantes.

Naturalmente, o povo japonês em geral fica assombrado e frequentemente repugnado pelas divisões e rixas daqueles que professam conhecer o amor de Deus. Não se pode passar por cima disto como simplesmente uma ignorância da igreja por parte dos japoneses, porque muitos japoneses têm descoberto na leitura da própria Bíblia que esta situação é contrária ao ensino fundamental da Palavra de Deus.

A *eclésia* (traduzida por “igreja” na edição portuguesa das Escrituras Sagradas) é o corpo de Cristo. (Ef 1.22,23; 4.15,16; 5.23-27,32; Cl 1.18; 2.19). Como cabeça, Cristo governa, comanda e dirige seu corpo, composto de muitos membros com deferentes dons ou funções. Cada membro é ligado à cabeça diretamente, e assim todos os membros gozam comunhão uns com os outros através de sua relação com ele.

Assim como a fé em Cristo é um nova vida espiritual nele, o corpo é um organismos espiritual. Isto torna a estrutura do corpo humano e seus membros muito semelhantes à natureza essencial da *eclésia* de Cristo. De fato, o corpo de Cristo, embora não sendo físico, não é menos real ou prático do que nossos corpos humanos. Assim, a *eclésia* tem *real* existência e é *um* corpo, e por nenhum motivo dever ser dividida. Como o corpo humano não pode viver quando dividido em partes, assim também o corpo de Cristo não pode viver quando é seccionado. Uma igreja dividida não é igreja de maneira alguma no sentido neo-testamentário.

No entanto, hoje reconhecemos com profunda tristeza que a igreja se encontra dividida em muitas centenas de seitas. Embora a maioria delas não ouse abertamente a se declarar a única verdadeira *eclésia*, ainda assim cada uma delas age como se fosse de fato o único corpo de Cristo. Tendo perdido de vista a verdadeira natureza da *eclésia*, a igreja de nossos dias está dividida em espírito e propensa a dissipar sua força em atividades infrutífera e ostentação mundana. *E ainda mais sério é o fato que a igreja não reconhece esta posição perigosa, e divisão após divisão continua sem fim.*

As sérias consequências práticas desta situação se tornam cada vez mais evidentes. Desde o fim da II Guerra Mundial as inumeráveis seitas dos Estados Unidos têm enviado missionários para converter os japoneses, cada qual à sua seita particular—até o ponto de arrastar membros de outras igrejas para dentro de seu próprio grupo.

Os japoneses estão sem saber qual seita está certa em sua pretensão de representar o verdadeiro cristianismo. Aqueles que já são cristãos frequentemente são abalados em sua fé e impedidos em seu crescimento espiritual. Alguns são levados a séria confusão por aqueles missionários que insistem que todos os cristãos que não defendem suas doutrinas particulares estão errados.

Até em Corinto, onde Paulo havia evangelizado por um ano e meio, contendas surgiram entre os cristãos, que diziam: “Eu estou no grupo de Paulo”, “Eu estou no de Apolo”, “Eu estou no grupo de Cefas”, ou “Eu sou apenas cristão”. Paulo disse que eles eram carnais e pediu

encarecidamente que eles “falassem com uma só voz e não se deixassem ser estilhaçados em partidos”. Pelo contrário, Paulo disse, deveriam concordar perfeitamente em pensamento e juízo. Ele deu a mesma forte admoestação em vários outros casos: I Co 1.10,16; 15.5-6; Fp.27; 2.2; 4.2, etc.

Longe de serem da mesma disposição mental e do mesmo parecer, as denominações e seitas têm cada qual sua própria bandeira ou característica peculiar, gabando de sua superioridade às outras, e até se esforçando por arrastar os crentes de outras igrejas para a sua igreja. Pensam que só desta maneira podem ser leais ao Senhor, porque creem que o cristianismo é representado apenas por sua seita.

Estas seitas e denominações, sem nenhum escrúpulo sobre “roubar ovelhas” de outros rebanhos, parecem estar mais preocupadas em converter homens a seu próprio grupo do que a Cristo. Assim as admoestações de Paulo têm sido negligenciadas de tal maneira que a *eclésia* de Deus está agora dividida em centenas de seitas e denominações e tem caído em desordem fatal.

Que está na raiz disto? O que está errado? *Toda esta confusão e desastre é o resultado de ideias falsas e errôneas quanto à natureza essencial da eclésia.*

Cada igreja ou seita enfatiza suas *peculiaridades* como sendo dos elementos principais da fé cristã, e condena as outras que dela divergem. Em consequência, o cristianismo está se dirigindo para um caminho de divisão interminável, e ninguém sabe qual será o fim deste caminho.

Para acabar com a confusão atual e mostrar como os cristãos podem viver como *um* em Cristo, é *necessário redescobrir o verdadeiro centro do cristianismo*. Precisamos aprender o que Deus colocou como centro de nosso relacionamento com ele para que possamos torná-lo o centro de nossa fé. Somente desta maneira será possível eliminar o pecado de um cristianismo dividido.

Primeiro, porém, será útil olhar atrás e ver o que tem sido o centro do cristianismo na história. Em fazê-lo, porém, conserve em mente que a palavra “centro” deve ser entendida como “o elemento mais essencial” da fé cristã. Talvez fosse melhor usar a palavra “núcleo” ou “essência” no lugar de “centro”, mas confiante de que o leitor entenderá a palavra “centro” como significando o “elemento essencial”, esta palavra será usada nos capítulos a seguir.

-oo0oo-

## CAPÍTULO 2

# O CENTRO DO CRISTIANISMO

## Através da História

### 1. A IDADE APOSTÓLICA

Para os discípulos Cristo era  *pessoalmente* o centro de sua fé. Ele viveu e andou com eles na terra. Sua personalidade singular, seu caráter nobre, seus diálogos celestiais, sua vida diária cheia de amor, seu poder milagroso e sua atitude de autoridade - tudo isto atraía os corações dos discípulos como um ímã atrai o ferro.

Crendo que ele era o Messias esperado e que a promessa de Deus seria cumprida através dele, os discípulos o seguiram por toda parte enquanto ele pregava o evangelho do reino de Deus. Seus corações e mentes estavam plenamente satisfeitos por estarem com Jesus. Reconhecendo que ele não era somente uma grande personalidade mas o próprio  *Deus*, eles o adoravam com a mesma atitude de coração que tinham para com Deus. Era bem óbvio que a fé e experiência dos discípulos tinham Cristo como centro.

A morte de Jesus lançou os discípulos temporariamente num estado de confusão e trevas, mas sua ressurreição restaurou em seus corações uma convicção ainda mais vigorosa. Começaram, então, a ter íntima comunhão com ele como o Senhor ressurreto.

Quando Jesus ascendeu para estar com o Pai, ele pediu o Pai para enviar o  *paracleto*, o Espírito. Depois disto a vida dos discípulos se uniu àquela do seu Senhor ressurreto pela habitação do Espírito neles, e passaram a viver uma vida de  *koinonia* (palavra grega que significa “comunhão”) com ele e com todos os outros crentes.

Até no caso de Paulo, que não estava com Jesus durante sua vida terrestre, esta experiência de união espiritual com o Senhor ressurreto era muito viva e real, como podemos ver em suas expressões: “Para mim o viver é Cristo” e “Estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim.”

A esperança da vida cristã dos discípulos era a volta de Cristo, a quem esperavam. Seus olhos estavam fixos no  *próprio Senhor* como aquele que era, que é, e que aparecerá novamente.

Em resumo, o centro da vida de fé para os discípulos era o próprio Jesus Cristo  *através da sua Koinonia (comunhão) espiritual com ele*. Eles eram batizados em seu nome, oravam a ele e operavam milagres em nome dele. Encontravam vida nova nele pessoalmente, e a esperança purificadora de sua volta governava suas vidas.

Através do testemunho dos discípulos acerca do Cristo ressurreto, muitos foram convertidos à fé nele. Depois de batizados, estes convertidos se entregavam ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão uns com os outros, ao partição do pão e à oração. Muitas maravilhas e sinais foram feitos pelos apóstolos. Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum, vendiam suas possessões e bens e os distribuíam a todos, à medida que alguém tinha necessidade. Dia após dia, assistindo no templo e partindo o pão em suas casas, alimentavam-se com corações alegres e generosos, louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo (At 2.24-47).

Estes eram os costumes da *eclésia* primitiva, mas *nenhum destes costumes era o centro de sua fé*. Sua fé se concentrava no próprio Cristo. Sua união viva com ele era o centro de suas vidas e por conseguinte da *eclésia*.

Os apóstolos não consideravam o batismo e a ceia do Senhor como *ritos sacramentais* (ver Jo 4.2; I Co 1.17; também os Evangelhos e especialmente Lc 22.19,20). Embora praticassem o batismo e a ceia do Senhor como as expressões mais valiosas da sua fé, não se pode dizer que fizeram destes atos de comunhão o centro da sua fé ou a *eclésia*.

Os apóstolos tampouco estabeleceram quaisquer credos ou doutrinas. Até a teologia chamada paulina não era uma teologia no sentido atual da palavra. Foi somente a maneira pela qual Paulo explicava sua fé. Foi a expressão de sua comunhão com Deus e Cristo; seu testemunho de ter *koinonia* com o Senhor. Compreender a explanação de Paulo acerca de sua fé é uma coisa, mas ter *koinonia* com o Senhor é outra. *O primeiro não deve ser tomado em lugar do segundo e transformado no centro da fé*.

O centro da fé de Paulo era a união com Cristo no Espírito; o mesmo acontecia com João, como veremos depois, e as explicações teológicas de ambos representavam somente seus esforços para tornar a pessoa central de Cristo mais real aos outros crentes. *Não estavam teologizando mas sim testificando!*

Na idade apostólica havia no grupo de crentes quem trabalhasse pela *eclésia*, tais como os presbíteros e diáconos, etc. Mas estas palavras eram apenas nomes para aqueles que serviam a *eclésia* porque eram capacitados para tal ministério. Não havia nenhuma instituição nem coisa semelhante autorizada a escolhê-los para aqueles serviços. Seu trabalho foi reconhecido pela própria igreja e pelos apóstolos à medida que demonstravam entre os crentes seu “charismata”, ou dons do Espírito.

A autoridade exercitada na *eclésia* do Novo Testamento não era uma autoridade legal ou institucional como é nosso conceito hoje. Como o Senhor antes deles (Ver Mc 11.28-30), os líderes entre aqueles crentes primitivos possuíam somente autoridade celestial, ou espiritual.

Sua autoridade era reconhecida e seguida quando, e somente porque, eles falavam no manifesto poder e verdade do Espírito Santo. Mesmo a autoridade dos apóstolos não era legal ou organizacional, mas era imposta somente pela convicção do Espírito no coração dos homens. De igual modo, o serviço dos bispos (presbíteros) e diáconos tinha somente uma base espiritual.

Os cristãos na idade apostólica nunca pensaram em fazer de uma organização institucional o centro da *eclésia*, nem de colocar o serviço humano ou a autoridade terrena no lugar da atividade e autoridade do Espírito no meio deles.

## 2. O PERÍODO CATÓLICO

Quando o Imperador Constantino instituiu o cristianismo como a religião oficial, usando-a como instrumento da união espiritual de todo o império, as perseguições dos imperadores romanos por fim cessaram. Depois disto o cristianismo se espalhou rapidamente por todo o território do Império Romano.

Nesta expansão o cristianismo desenvolveu a organização que fez dele “a igreja”, e este sistema institucionalizado se tornou mais e mais centralizado, até que o bispo romano se tornou o “Pai” de toda a Igreja Romana.

A civilização europeia é uma combinação das culturas grega, romana e hebraica. Os gregos deram origem a seus elementos filosóficos e estéticos; dos romanos provém sua natureza legal e política e dos hebreus originaram-se as fases religiosas da civilização europeia.

O cristianismo no Império Romano não pôde escapar à influência da cultura romana. A autoridade imperial, derivando seu poder agora da união política e eclesiástica, podia declarar todos os cidadãos do estado cristãos e membros da igreja institucional. Como resultado disto, a verdadeira natureza da *eclésia*, como o corpo vivo de Cristo, se perdeu na igreja, e esta se tornou apenas um corpo legal regido pela lei da igreja em vez de ser dirigida pelo Espírito. A fé, como as leis do estado, foi reduzida a um credo, formulado para ser lembrado pelos membros comuns da igreja. Aqueles que não aceitavam o credo, como os que não obedeciam a lei, eram julgados como hereges e punidos.

Quando o cristianismo foi transformado em tal instituição legal, não se podia esperar mais que a comunhão, ou *koinonia*, com Deus e com Cristo fosse o centro da *eclésia*. O Centro da fé foi transferido da união

espiritual com Cristo, como cabeça da *eclésia*, para o governo legal do Papa, como representante terrestre do reino de Deus. A *eclésia* espiritual foi substituída pela igreja terrena institucional cujo centro era o Papa. Nesta igreja a comunidade de cristãos não era mais o corpo de Cristo que mantém união vital com ele, e Cristo não era mais o cabeça que governava seu corpo, a *eclésia*.

Com o estabelecimento da igreja institucional, a adoração a Deus em espírito e em verdade morreu e foi substituída por adoração ritual e formal. Não mais podiam ser aplicadas aos cristãos as palavras de João que “a unção (do Espírito) que dele recebestes permanece em vós, e não tendes necessidade de que alguém vos ensine, mas, como a sua unção (i.e. o Espírito) vos ensina a respeito de todas as coisas...” (1 Jo 2.27). Os membros da Igreja agora eram ensinados apenas pelos oficiais ordenados pela Igreja.

Esta era a Igreja Romana, que insistia que fora da sua comunhão não poderia haver salvação. Sem a aprovação do Papa ninguém podia entrar no reino de Deus, porque só ele tinha as chaves do Céu. E sem participar dos ritos prescritos e sacramentos dirigidos pelos oficiais ordenados pela igreja, a pessoa não apenas deixava de ser um verdadeiro membro da Igreja mas nem era considerada cristã.

A Igreja não apenas ensinava isto, mas estes princípios se tornaram as leis da Igreja. Aqueles que se recusassem a obedecer estes regulamentos eram finalmente excomungados, perdendo também seus direitos legais como cidadãos e a proteção do estado. Opor-se à Igreja Católica institucional se tornou muito mais sério do que opor-se ao governo do estado.

Sob esta coação as mentes dos homens foram privadas do direito de livremente buscar a verdade e a fé verdadeira. Aqueles que realmente tinham fome e sede de fé e vida espiritual eram obrigados a buscá-las como o risco da própria vida.

Assim a igreja institucional, com o Papa como seu cabeça, tornou-se o centro do cristianismo. Especialmente depois que o sistema da Inquisição foi estabelecido em vários países da Europa, os hereges foram implacavelmente caçados e cruelmente punidos pela Igreja, cuja lei tinha o poder do estado. A Igreja havia-se tornado uma instituição exclusivamente legal e temporal.

Foi como resultado desta política da Inquisição que John Huss de Praga, Savonarola da Itália e William Tyndale da Inglaterra foram mortos. A história da testemunho das consequências trágicas de um sistema que podia retribuir de tal maneira a tradução das Escrituras à linguagem do povo ou a oposição à Santa Sé.

Esta punição severa profundamente impressionava a massa analfabeta com o conceito de que rejeitar a doutrina autorizada da igreja era o pior pecado que um homem poderia cometer, e significava também que tolerar tal heresia era igualmente errado. Portanto os homens foram levados a pensar que seu dever cristão era seguir o dogma da igreja sem questioná-lo e perseguir os hereges.

*Este espírito de intolerância sobreviveu mesmo depois da Reforma e entrou nas Igrejas Protestantes, tornando-se a real causa do sectarismo lamentável da atualidade.*

### 3. O PERÍODO PROTESTANTE

Durante a Reforma, Martinho Lutero e João Calvino estabeleceram igrejas novas, separadas da Igreja Romana em diversas partes da Europa. Em consequência disto, para os cristãos protestantes o papa romano e a instituição romana perderam sua posição como centro de cristianismo. Qual seria, então, o centro para as igrejas novas que surgiam dos trabalhos dos reformadores?

Para Martinho Lutero, como podemos ver no seu comentário de Gálatas, o elemento central da sua fé era união com Cristo *em Espírito e em Vida*—isto é, *Koinonia* com Deus. Mas foram as Escrituras Sagradas que levaram Lutero a esta fé, e ele batalhou contra a Igreja Romana, usando como sua única arma a Bíblia.

Todos os outros reformadores semelhantemente descobriram na Bíblia a fonte completa da verdade. Rejeitando a autoridade da Igreja Romana, estes homens tomaram as Escrituras como autoridade para sua fé e ações. *No conflito violento daqueles primeiros dias da Reforma, foi natural que eles procurassem a segurança de um padrão objetivo para enfrentar o poder político-eclesiástico aparentemente ilimitado de Roma.* Portanto, a posição da Bíblia como o testemunho inspirado por Deus, da fé pessoal dos apóstolos em Cristo, gradativamente mudou, tornando-se a fonte do “dogma” protestante e o critério de uma fé aceitável. *Substituindo o papa romano, a Bíblia se tornou o centro do cristianismo nas igrejas protestantes.*

A redescoberta por Lutero da grande doutrina bíblica de “salvação por fé somente” foi um dos maiores eventos da história humana. Sua restauração da Bíblia ao seu devido lugar como a fonte básica do cristianismo constituiu um verdadeiro passo para frente. Comparado com a fé da Igreja Romana, foi um passo tremendo em direção à fé primitiva do Novo Testamento.

No entanto, tornou-se necessário agora no protestantismo, como ocorreu no catolicismo, fazer uma distinção bem clara entre a fé ortodoxa e herética, e excluir os hereges da igreja nova e purificada. Desta forma, acabou tendo pouca diferença entre protestantes e



católicos na sua insistência de fazer uma distinção clara e exterior entre “cristãos verdadeiros” e hereges.

Como resultado, os protestantes se viram obrigados a gastar grandes esforços formulando os seus próprios credos, os quais produziram muitos documentos excelentes de verdades bíblicas, tais como a Confissão de Augsburg de 1530, as Confissões de Basel de 1534 e 1536, as Confissões de Helvetia de 1536 e 1567, e a Confissão Escocês de 1560, como também as Confissões Francesa (1559), Belga (1562), e de Westminster (1642).

Embora todas estas confissões fossem valiosas em si, mesmo assim, nenhuma delas poderia ser considerada o padrão absoluto da fé. *Fé é vida em Cristo Jesus e uma vida nunca poderá ser limitada dentro de determinados sistemas ou credos.* Portanto, credos não constituem o fim ou objetivo da fé em si próprio, antes são expressões da nossa comunhão com Cristo e não devem ser erroneamente considerados como objetivo ou centro da nossa fé. Obviamente, a plenitude do Cristo vivo não pode ser contida dentro dos limites estreitos de credos escritos.

A própria Bíblia é apenas a descrição desta vida, isto é, um descrição de Deus no seu relacionamento com os homens. Conseqüentemente, ela contém muitas contradições aparentes que surgem da natureza complexa e variada das vidas de indivíduos distintos e das suas experiências com Deus. Por isto, torna-se impossível sintetizar a verdade da Bíblia em qualquer credo determinado ou confissão, pois estes nunca podem passar de um entendimento particular que uma pessoa ou grupo tem da verdade.

A falta de compreensão desta limitação dos credos tem feito surgir muitos transtornos inevitáveis no protestantismo e tem se tornado a causa da divisão do cristianismo em muitas seitas e denominações baseadas em interpretações e entendimentos divergentes de certos textos ou ensinamentos da Bíblia.

A primeira disputa famosa no meio dos protestantes irrompeu entre Lutero e Zwinglio sobre o significado da ceia do Senhor. Em 1529 Filipe de Hesse, tentando unir os partidos hostis do protestantismo, organizou um conferência em Marburgo, esperando levar Lutero e Zwinglio a concordarem em certas doutrinas principais.

Nesta conferência eles puderam concordar em todas as doutrinas menos na questão se o pão e vinho da ceia do Senhor eram literalmente a carne e sangue de Jesus, ou se eram apenas simbólicos. Não podendo concordar neste ponto, eles não apertaram as mãos, e a conferência terminou em fracasso, causando desapontamento em

todos. Qualquer cristão europeu ou americano sabe do grande dano que este desentendimento causou à unidade do cristianismo.

Um segundo episódio ocorreu entre Calvino e Servetus. Eles não concordaram na doutrina da Trindade, e finalmente Calvino fez com que Servetus fosse queimado no morro de Champell. Os três heróis da Reforma assim se tornaram exemplos de sectarismo e naturalmente foram seguidos ou imitados pelos seus sucessores, dando origem a divisões sem fim na igreja. Deste princípio muitas centenas de seitas e denominações têm aparecido no mundo, cada qual pensando ser ela própria a igreja verdadeira e todas as demais enganadas. Isto tem continuado até agora, criando uma situação quase impossível para a união em Cristo.

Os pontos que causaram a divisão da igreja estão sintetizados no próximo capítulo.

-oo0oo-

## CAPÍTULO 3

### PONTOS DE DIVISÃO

#### TEOLOGIA

A controvérsia teológica tem ardido em torno de muitas questões, sendo a mais básica da atualidade a divisão entre as teologias “ortodoxa” e “liberal”. Isto tem causado grande divisão entre cristãos, especialmente quando a primeira se degenera numa ortodoxia morta que recusa a considerar qualquer ideia nova ou inovadora, e quando a segunda se transforma em puro humanismo que rejeita as verdades fundamentais da Bíblia.

Estas duas linhas se opõem uma à outra e atacam uma à outra. Os ortodoxos condenam os liberais como infiéis enquanto que os liberais desprezam os ortodoxos como anacrônicos desdenhadores da ciência e cultuadores da letra da Bíblia (bibliolatria). E há muitas outras menores distinções teológicas que criam conflitos enormes entre os cristãos. Desta forma, quando se tomar a teologia ou o credo como o centro do cristianismo, a consequência natural é a divisão dos cristãos em denominações e seitas.

#### INSPIRAÇÃO DAS ESCRITURAS

Poder-se-ia pensar que com a Bíblia como centro do cristianismo, a unidade dos cristãos seria efetuada com facilidade. Infelizmente, isto não tem ocorrido, se bem que podemos considerar afortunado o fato de que, como este fato comprova, a *letra* da Bíblia não pode realmente suplantiar o Cristo vivo como o centro da nossa fé.

A Bíblia é a expressão da vida e obra de Deus, e já que a “vida” é superior à sua manifestação, ela não pode ser inteiramente expressa através de qualquer forma lógica ou teológica. Por isto, não se pode evitar que a Bíblia seja compreendida de muitas maneiras diferentes. Assim vemos como, na sabedoria de Deus, é impossível na prática fazer das Escrituras o fim, ou a autoridade final, em si próprias, pois elas apenas expressam a autoridade de Deus *àqueles que vivem em comunhão com o Espírito*.

Por um lado, há os assim-chamados “fundamentalistas” que aceitam a Bíblia como a “infalível Palavra de Deus”, e que não creem que haja um erro em toda a Bíblia, nem mesmo numa frase ou na maneira de se expressar. Para eles ela é, no sentido mais literal possível, a Palavra de Deus de capa a capa, e sua fé está inteiramente dependente na sua infalibilidade total.

Por outro lado, há os “liberais” que procuram harmonizar a verdade bíblica com a ciência. Preferindo o racional sobre o espiritual ou aceitando os resultados da crítica superior e inferior, eles rejeitam a inspiração total da Bíblia.

Há ainda outros que aceitam a Bíblia toda como a Palavra de Deus, como fazem os fundamentalistas, mas de uma maneira um pouco diferente. Eles creem que o Espírito age através das palavras *escritas* dos registros históricos a fim de revelar a palavra *viva*. Eles reconhecem a Bíblia o registro de Deus revelando a si próprio através da história, culminando em Cristo—um registro inspirado que veio da operação do Espírito nas pessoas que o escreveram.

De qualquer forma, devemos procurar, em dependência na operação do Espírito, *entrar num relacionamento pessoal com Cristo, que é a Verdade*, através da Bíblia. Pois, fora da palavra escrita e também do Espírito vivificador não há nenhum conhecimento real da Palavra viva de Deus.

## INTERPRETAÇÃO DAS ESCRITURAS

Muitos grupos têm colocado grande ênfase sobre certos textos de Bíblia. Desconsiderando o contexto e o ensinamento global da Bíblia toda, eles têm fundado seitas baseadas naqueles poucos textos. Por exemplo, alguns grupos tendem a enfatizar demasiadamente a doutrina da santificação. Selecionando alguns textos que aparentemente comprovam esta doutrina, insistem em que santificação total e perfeita é alcançável nesta vida. Os “Quakers”, enfatizam a “luz interior” e a comunhão do Espírito Santo, parecem ter negligenciado até tais doutrinas importantes como a redenção através do sangue de Cristo.

Porém, ao condenar estes extremos, devemos nos lembrar que estes grupos podem ter tido razão suficiente para seu aparecimento

numa época em que, por causa da ortodoxia morta, muitos cristãos negligenciavam sua vida moral, tornando-se dissolutos e devassos. Credo que Cristo foi julgado na cruz como substituto deles, negligenciavam os resultados práticos que sempre são consequência de uma fé genuína nesta verdade.

Outros, ainda que não caíssem nesta moralidade degenerada, se apegavam os dogmas e credos do cristianismo como se fossem uma espécie de diploma da escola ou da faculdade, ou ainda uma passagem para o reino dos céus. Mesmo sem manter nenhuma comunhão viva com o Senhor, eles se consideravam o melhor tipo de cristão. Não tinham a operação do Espírito dentro deles. Eram ortodoxos apenas nas suas mentes, não, contudo, nos seus corações.

Tais condições entre as igrejas deram origem àqueles que enfatizassem a santidade e a espiritualidade. *Então, quando estes foram rejeitados pelos outros cristãos, eles fizeram da sua doutrina uma base de comunhão dentro do círculo limitado daqueles que concordassem com eles.* Desta forma, nasceram-se novas seitas, que por sua vez tendiam a desconsiderar outras verdades e o ensinamento da Bíblia como um todo.

Um número quase incontável de seitas tem se levantado desta forma e assim tem dividido o corpo de Cristo em inúmeras facções. Não poderia ser mais evidente o fato de que tais ênfases doutrinárias têm sido uma causa primordial de sectarismo.

### RITUAIS E CERIMÔNIAS

A Igreja Batista se separou das outras igrejas por causa das diferenças de opinião com respeito à forma do batismo. Outro grupo foi dividido sobre a questão do uso do órgão nas suas reuniões—porque a Bíblia não diz em lugar nenhum que devemos usar um órgão. Ainda outro grupo se formou por causa da necessidade aparente das mulheres de cobrirem as suas cabeças quando oram (1 Co 11.2-6). Os Adventistas do Sétimo Dia insistem em guardar a lei sobre alimentos puros e impuros. Há muitos casos semelhantes, em que questões muito triviais com respeito a ritos formais têm dado origem a novas seitas. Depois, cada seita condena as demais, frequentemente denominando-as de hereges.

É muito lamentável para o Japão e para outras terras “pagãs” que muitas destas seitas têm enviado seus missionários para continuarem estes conflitos naqueles lugares.

### CONCLUSÃO

A igreja protestante está tão dividida que parece ser impossível realizar a sua unificação. Esta situação surgiu por causa da perda do

verdadeiro centro do cristianismo e a substituição de teologia, dogmas, credos, a Bíblia, instituições, rituais, ou cerimônias no seu lugar.

Ainda mais, as divisões foram fortalecidas pela ideia, herdada da Igreja Romana, que apenas o “grupo da gente” é que tem a fé ortodoxa, e que todos os outros grupos devem ser perseguidos por serem errados. Assim, tem-se despendido muita ação vigorosa em refutar a doutrina de outras seitas e em arrastar crentes destas seitas para o seu próprio grupo.

Onde está a unidade da *eclésia*? O que aconteceu à unidade do corpo de Cristo? Por que nós, cristãos, não reconhecemos o *pecado* desta condição e não nos *arrependemos*?

-oo0oo-

## CAPÍTULO 4

### CRISTIANISMO

#### SUMÁRIO

A igreja Católica Romana, ao colocar a *instituição* encabeçada pelo Papa no centro do cristianismo, deixou de ser uma expressão da verdadeira *eclésia*. Isto deu origem ao protestantismo, que por sua vez pôs a Bíblia no centro, ainda que retendo em grande parte o institucionalismo da Igreja Romana. Este novo centro se provou “fora de centro” também e resultou no estilhaçamento dos cristãos em muitas seitas antagônicas e incompletas. Portanto, os protestantes também não experimentaram na prática a verdadeira *eclésia*.

Recentemente, muitos têm percebido a importância e erro do estado atual das igrejas e estão procurando salvar a situação através de unir as denominações divididas. Seu alvo é formar uma aliança entre todas as igrejas formando uma igreja ecumênica.

Porém, este movimento, também, está obviamente destinado a fracassar. A própria tentativa de unir as igrejas provavelmente terminará apenas na formação de mais uma grande seita ou denominação. Digo isto porque as igrejas envolvidas não estão restabelecendo o verdadeiro centro do cristianismo; antes estão enredadas ainda no espírito sectário herdado do catolicismo.

A *eclésia* (traduzida “igreja” nas edições portuguesas da Bíblia) é o corpo de Cristo. composto de muitos membros—cada um dos quais ligado à cabeça pela união de vida espiritual e possuindo diferentes dons e funções—este corpo é um *organismo espiritual*. Sendo assim uma entidade única, composta e espiritual—*um corpo*—a *eclésia* nunca foi designada para ser dividida e simplesmente não pode viver e

funcionar devidamente numa condição dividida. No entanto, esta é a situação evidente que prevalece hoje.

Qual a raiz de tudo isto, que está errado? Onde está a verdadeira unidade do corpo único de Cristo? A resposta é simples, porém profunda. *A confusão e o desastre do sectarismo são resultados das ideias falsas e errôneas com respeito ao centro, ou natureza essencial, da eclésia.*

### O VERDADEIRO CENTRO

O centro do cristianismo não é uma instituição nem uma organização. Nem é a própria Bíblia, como queriam os reformadores, pois a *eclésia* existia antes da formação do cânone do Novo Testamento. Os cristão tinham comunhão com Deus e uns com os outros, centrando a sua fé em Cristo, muito antes de existir o Novo Testamento.

Somente há um centro do cristianismo, e este centro é *comunhão espiritual com Deus através de Cristo—união viva com Deus em Cristo*. Onde houver esta *koinonia* (palavra grega que significa “comunhão”) há o corpo de Cristo, a *eclésia*. Onde não houver *koinonia* com Deus, não há *eclésia*, porque falta o ele vital da vida. Ainda que haja muitos excelentes personagens cléricos, muitos edifícios elegantes, muitos dogmas e credos sábios, se não houver *koinonia* com Deus e Cristo não pode nem existir a *eclésia*. Por outro lado, se houver esta *Koinonia* com Deus e Cristo, a *eclésia* existe -- nem precisamos dar atenção às diferenças de credos, instituições, e rituais, mas através de amar uns aos outros podemos ser um em Cristo.

### TODA A ESCRITURA DÁ TESTEMUNHO

Somente esta união com Deus em Cristo pode ser o centro do cristianismo. As Escrituras confirmam isto, porque esta comunhão é o tema da Bíblia inteira, de Gênesis ao Apocalipse. De fato, a relação entre o Pai e o Filho na eternidade sem dúvida era precisamente esta comunhão.

João nos conta que “no princípio era o Verbo, e o Verbo estava *com* Deus”. A palavra “com”, no grego “pros” (não “sun” ou “meta” que têm outras implicações) descreve o estado de estar na presença de uma pessoa, e é traduzida melhor neste contexto como “face a face com Deus” como reza a tradução de Williams. Assim como o último Adão estava desde o princípio “pros” Deus, da mesma maneira o primeiro Adão foi criado para esta posição de comunhão, e estava “face a face” com Deus no jardim até a sua queda.

Foi por isto que Deus criou o homem à sua própria imagem. Ainda que a criação toda fosse “muito boa” ao seus olhos, mesmo assim Deus deve ter se sentido muito solitário quando não achou entre todas as

criaturas uma com a qual ele pudesse ter comunhão. Todos os animais, todos os pássaros e peixes, certamente eram muito bonitos, mas eles não podiam vir a Deus e falar e andar com ele no jardim do Éden. Por isto, ele criou o homem à sua própria imagem, -- isto é, capaz de conversar com ele, se encontrar com ele, orar a ele, e buscar a ele. Viver com Deus e ter *comunhão* com ele foi o único objetivo de sermos criados segundo a imagem e semelhança de Deus.

Esta comunhão dever ser sempre o centro do relacionamento entre Deus e o homem. É claro que o universo possui beleza própria, nas sem a existência dos seres humanos Deus nunca se satisfaria. Deus criou o homem à sua semelhança, um ser espiritual capaz de responder ao seu amor e ter *koinonia* com ele.

*Deus é amor! Se não houvesse nenhuma criatura capaz de apreciar o seu amor e responder-lhe com amor, sua criação deixaria de atingir sua plena consumação.*

Mesmo quando Adão foi expulso do Paraíso por Deus como resultado da sua queda -- a comunhão cortada pelo pecado -- este julgamento não era para destruir o homem mas, no final das contas, para salvá-lo do seu estado caído e restaurar a comunhão quebrada.

Deus revelou a Noé e a sua família para salvá-lo do dilúvio. Ele separou a Abraão e aos seus descendentes como seu povo escolhido, disciplinando-lhes a fim de prepará-los para ter comunhão com ele. Quantas vezes Deus aparecia a Abraão e falava com ele, até que ele se tornou conhecido como “*amigo de Deus*”! Isto é nada mais senão a própria *Koinonia*.

Deus continuava a aparecer ao povo que ele procurava *conhecer* - a Isaque, Jacó, Moisés e aos filhos de Israel. Dirigindo o seu povo para fora do Egito através do Sinai, Deus muitas vezes aparecia a eles enquanto viajavam através do deserto.

Depois de Moisés, Deus teve comunhão ou *koinonia* com Davi, e posteriormente com os profetas. Desta forma, Deus continuava a ter união espiritual com a humanidade na pessoa destes homens representativos. Porém, Deus não se contentava em ter comunhão com apenas estes poucos selecionados. Ele queria ser unido em comunhão espiritual com todo o povo da terra. Mesmo a sua escolha de Israel como o seu povo eleito era apenas o primeiro passo preparatório para a salvação de toda a humanidade.

A fim de cumprir este propósito, Deus finalmente enviou o seu filho unigênito à terra: “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”. Jesus se tornou o “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”, pagando a culpa da rebelião do homem contra

Deus, a fim de possibilitar o restabelecimento da comunhão ininterrupta do homem com o seu Criador. Assim temo “intrepidez para entrar no *Santo dos Santos*, pelo *sangue* de Jesus” (Hb 10.19).

A comunhão entre Deus e o homem, quebrada pelo pecado do primeiro Adão, foi aberta novamente pela redenção comprada com o sangue do último Adão. Agora todos podem ter *koinonia* diretamente com Deus e compartilhar a sua própria vida -- todos podem viver uma vida de amor e união com Cristo. Este é realmente o centro do cristianismo, e “fé” nada mais é do que o estado de ter esta união viva com Deus. Ser justificado pela fé significa que Deus tem *acesso* aos pecados arrependidos através de Cristo e assim é capaz de gozar esta *koinonia* com eles.

Se nós praticarmos esta união viva com Cristo, amando-nos uns aos outros sem nenhuma preocupação sobre seitas e denominações, doutrinas ou formas, então teremos o corpo de Cristo sendo Cristo mesmo o cabeça. Esta é a *eclésia* no seu significado mais puro e real. Portanto, a *eclésia* não é uma instituição, nem um sistema, nem uma *teologia*, nem as palavras da Bíblia e nem um ritual ou cerimônia qualquer. *A eclésia existe onde houver esta união de vida com Deus através de Cristo.*

-oo0oo-

## CAPÍTULO 5

### COMPREENDENDO A FÉ E A VERDADEIRA UNIÃO

Fé é o dom de Deus que produz em nós esta comunhão com Deus em Cristo. *Ela não pode ser criada nem mantida por esforços humanos.* Quando o Espírito de Deus nos governa diretamente, nós amamos uns aos outros e fazemos a obra de Deus pela nossa obediência a ele. *Fé é apenas outro nome para comunhão, a koinonia com Deus.* Neste relacionamento o poder de Deus opera através de nós. Nenhum credo ou doutrina, nenhum sacerdote ou pastor, nenhuma instituição ou cerimônia, é realmente essencial. *A única* coisa realmente essencial é que o homem se arrependa e venha a Cristo para perdão dos pecados e a novidade de vida que ele concede gratuitamente.

Quando o Senhor andava na terra, ele louvou a “grande fé” do centurião e criticou a “pequena fé” dos discípulos. Ele reconheceu a fé de uma mulher pecadora, de um leproso, de uma mulher que sofria de



uma hemorragia e de um homem cego, ao dizer-lhes: “a tua fé de salvou”.

Em todos estes casos nenhuma doutrina, instituição ou cerimônia era envolvida. Aqueles que simplesmente confiavam inteiramente no Senhor eram aceitos, seus pecados eram perdoados, e assim eles eram salvos. A única condição necessária era que eles tivessem *fé* na pessoa de Cristo -- isto é, que eles entrassem em contato vivo com ele. Onde havia esta “fé”, havia o início da *eclésia*, porque através desta *koinonia* eles se tornavam um com Cristo e ele se tornava o seu Senhor.

*Em síntese, cristianismo tem como centro o próprio Deus, e a comunhão que os homens têm com ele.* Esta comunhão de Deus através do Espírito com os crentes é a resposta à pergunta sobre o que é fé, e o que é a verdadeira *eclésia*.

Quando esta posição central de Deus em comunhão com os homens através de Cristo se torna bem clara, podemos ver imediatamente que nenhum dos outros elementos, tal como uma igreja institucional, a interpretação da Bíblia, várias doutrinas, a moralidade dos crentes, ou qualquer outro problema de diferentes denominações ou seitas, pode ser o centro do cristianismo. Quando esta revelação nos alcançar, saberemos que não devemos julgar os outros por qualquer destes padrões, pois o próprio Cristo nunca os usou para julgar os seus seguidores. O centro de cristianismo é a comunhão com Deus. Mesmo a Bíblia não é o centro. Ela é apenas a *descrição* inspirada desta verdade central, através da qual nós podemos chegar ao centro e ter comunhão com ele.

Oh, como é importante a nossa comunhão com Deus! Esta *koinonia* é a essência da *vida* nova que temos em Cristo. “Examinais as Escrituras, porque julgais ter *nelas* a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim” (Jo 5.39).

A redenção pelo sangue de Cristo é, certamente, o fato mais importante do cristianismo, a base de toda a *koinonia* com Deus. Todos sabem como Paulo enfatizava esta verdade, como também o fizeram Agostinho, Lutero, Calvino e todos os outros grandes líderes espirituais através dos anos. Mas “ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados”, não só para que *crêssemos na doutrina* do perdão dos nossos pecados através do sangue, mas também para que realmente na *prática*, tivéssemos “ousadia e acesso com confiança, mediante a fé nele” (Ef 3.12; ver também 2.13,18; Hb 10.20).

Ter acesso a Deus é o verdadeiro propósito da redenção, enquanto que a propiciação pelo sangue de Cristo é a *base* sobre a

qual temos a permissão de nos aproximar a Deus. Assim, o propósito central de Deus enviar o seu Filho, como também da morte do Filho na Cruz, era que pudéssemos ter este acesso, e entrada à comunhão com Deus. Sabemos como Deus nos amou, porque ele nos deu o seu Filho para nos salvar (1 Jo 3.16; 4.10). Sem a cruz de Jesus nós seríamos incapazes de conhecer o amor de Deus ou de sermos salvos da maldição do pecado. Mas apenas *saber* que ele nos amou não é suficiente. Precisamos realmente entrar na sua presença e *experimentar koinonia* com Deus.

Quem reconhece a doutrina da redenção não está necessariamente experimentando a comunhão que ela permite, mas todos aqueles que têm comunhão com Deus certamente estão também confiando naquele que perdoou os nossos pecados através da morte redentora do seu Filho. Este relacionamento de comunhão experimental com ele é o que Deus realmente requer dos homens, pois este foi o propósito da nossa criação.

Portanto, meramente entender ou confessar a doutrina da redenção é só encontrar a *porta* através da qual o homem se aproxima a Deus. Quem parar aí ainda não entrou na união de vida com Cristo e está em perigo de ter apenas uma ortodoxia morta. Como as igrejas estão cheias deste tipo de “fé”!

Confessar fé na ressurreição é uma coisa e ter comunhão com o Senhor ressurreto é outra; crer na doutrina da segunda vinda é uma coisa e esperar a volta de Cristo é outra. Pois assim como o *fato* da ressurreição de Cristo nos dá a *fé* pela qual vemos Deus face a face, assim a segunda vinda de Cristo nos dá a esperança que seremos “arrebatados juntamente... para o encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor”. *Em todas estas doutrinas, a koinonia com Deus é o objetivo final que se espera enquanto os diferentes dogmas servem apenas como afluentes do rio principal.*

### KOINONIA VERSUS INSTITUCIONALISMO

Quando o povo de Deus realmente vir que o centro do cristianismo é a comunhão com Deus e que esta comunhão é alcançada através de Jesus Cristo, então verá também as verdadeiras causas das divisões nas igrejas e entenderá como se livrar delas. A causa primária destas divisões é o institucionalismo e organizacionalismo das igrejas e missões, que ao invés de promoverem a vida dos crentes que nelas estão, abafam-na e a expõem. O resultado é a produção de meras instituições mortas no lugar da *eclésia* viva.

Os cristãos que tiverem realmente vida em Cristo não podem existir em tal cadáver e geralmente saem dele. Mas, lamentavelmente,

na maioria dos casos, aqueles que deixam as instituições mortas simplesmente empreendem a construção de uma instituição “melhor” ou abraçam outros rituais e cerimônias, desta forma repetindo o mesmo erro. Ao invés de voltar a Cristo como o seu centro, eles procuram outra vez encontrar comunhão e segurança espiritual na mesmíssima base que já falhara.

Até a própria Bíblia é interpretada e entendida de várias maneiras e frequentemente se torna a causa e sectarismo. Da mesma forma, dogmas e credos não podem trazer união cristã, porque as mentes humanas não foram criadas de forma tão uniforme que possam ser unidas em nenhum dogma ou credo único. Até o nosso entendimento do próprio Cristo não pode ser a base da união, pois ele é grande demais para ser entendido plenamente por uma só pessoa ou grupo. Nossos entendimentos limitados nem sempre coincidem. Um enfatiza este aspecto de Cristo, o outro aquele, e isto se torna outra vez a causa de divisão.

Somente quando tomamos a nossa comunhão com Cristo como o centro de nossa fé cristã, é que todos os cristãos reconhecerão a sua unidade. Há diversos entendimentos de Cristo. Há várias opiniões sobre a Bíblia e os seus ensinamentos. Há diferentes tipos de instituições e cerimônias. Mas isto não precisa impedir-nos de praticar a união do corpo de Cristo. A nossa comunhão, variada como for, não é com o mesmo Senhor? Nosso cabeça não é o mesmo Salvador?

A nossa comunhão com Deus em Cristo é, conforme vimos, o próprio propósito de Deus em criar o homem. Na sua plenitude é seu “propósito eterno” -- ou final -- e ele não pode descansar até que este seja cumprido, seja qual for o preço que Deus terá de pagar por causa do pecado do homem.

Eu sinto que todos os cristãos estão cientes de que esta *koinonia* é muito importante, mas obviamente não têm reconhecido que *ela* - e não teologia, doutrina, credo, instituição, cerimônia, etc. - é o centro da fé cristã. Quando todos os cristãos virem esta verdade, a mudança será surpreendente. Nossas práticas (costumes, maneiras de agir), evidentemente, não serão as mesmas, porque as ordens de Deus variam de acordo com os diferentes dons e chamamentos. Mas ainda que cada um seja diferente no seu modo de desempenhar a sua parte da vontade de Deus, já que o objetivo de Deus é *único*, todos os membros da *eclésia* serão unidos porque estão fazendo a vontade do mesmo Deus, cumprindo juntos um grande propósito. Cada indivíduo, ao fazer a sua parte, contribuirá à obra de Deus em cooperação com os demais.

Deus é o grande Maestro, e os membros individuais da orquestra tocam suas *diversas* partes em instrumentos *diferentes*; mas se todos

seguirem o Maestro, a composição toda será uma bela e completa *sinfonia* em perfeita harmonia.

O movimento ecumênico, que se tornou muito popular recentemente, parece ter surgido da conclusão de que a divisão dos cristãos em muitas seitas e denominações tem grandemente enfraquecido a sua força e quase impossibilitado a sua luta contra as forças deste século, especialmente o comunismo. Isto é verdade, porém devemos lembrar que a união dos cristãos não é uma questão de esforço humano ou de cooperação. *A verdadeira união deve vir somente de Deus, e quando houver verdadeira comunhão com Deus, ela virá natural e espontaneamente.* A força dos cristãos não vem de cooperação humana, mas da união viva com Deus. Este é o poder de Deus operando nos homens.

Portanto, o corpo único não pode ser criado por colaboração humana. Ele existe através de simplesmente remover as barreiras e de ter comunhão com Deus, uma realidade que prevalece entre aqueles que o obedecem e amam uns aos outros. Nenhum outro método meramente humano resolverá. "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento... Amarás o teu próximo como a ti mesmo." Esta é a lei e os profetas - e também o evangelho.

#### COMO PODEMOS SABER?

Se o centro da fé cristã realmente é comunhão com Deus; se apenas aqueles que têm esta comunhão são cristãos e aqueles que não a têm, indiferente da sua profissão ou a qual instituição pertencem, não são cristãos; então surge um problema muito sério e difícil. Alguns vão perguntar: "Como podemos saber se alguém é cristão ou não?" Bem, em última análise, nós *não* podemos saber seguramente se outra pessoa é cristão ou não. Este conhecimento pertence apenas a Deus, que somente pode julgar o coração do homem. Nenhum ser humano pode julgar a fé de outros sem a probabilidade de errar, e de ter preconceitos humanos.

Por muitos séculos a distinção entre crentes e não crentes se fazia na base da sua aceitação do batismo e da ceia do Senhor. Porém, quem poderia negar que estes padrões são insuficientes? Todos sabem que há muitos batizados que não são cristãos e muitos cristãos que não são batizados. A confissão de credos e doutrinas é também um critério inadequado para o reconhecimento de cristãos, pois estas confissões podem ser feitas sem a experiência do novo nascimento.

Na realidade, criamos um problema que não precisa existir, pois não há necessidade de uma decisão final sobre a fé da pessoa, ou de um padrão de julgamento, para que tenhamos aquela comunhão

simples, propositada por Deus, entre os cristãos. *Tal delineamento de barreiras e distinções humanas é necessário só para as instituições e organizações.*

Porém, uma vez colocamos de lado a *necessidade* de um julgamento objetivo, *podemos* na prática, ainda que imperfeitamente, dizer se alguém é ou não cristão. A base mais importante para tal reconhecimento, é claro, é a sua confissão de Cristo como seu Senhor, com a sinceridade de uma vida que demonstra aquele senhorio. Haverá a realidade de um amor para com Deus e para com os homens na experiência prática. É um fato lamentável que existe muito pouco amor entre milhares dos que pertencem às diversas igrejas e seitas. Isto nos faz duvidar se estes são realmente cristãos, pois "aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor" (1 Jo 4.8).

### CONCLUSÃO

Resumindo, eu creio que Deus está movendo para revelar a todos os cristãos qual é o centro verdadeiro da fé cristã. A união espiritual que inevitavelmente resultará será um dos passos principais em direção ao cumprimento de todos o propósito de Deus - o seu "propósito eterno". Todos os cristãos formam *um* corpo em Cristo - não podemos criar isto, somente reconhecê-lo. Mas *devemos* reconhecê-lo e depois praticá-lo sem temor, ignorando nossas diferenças de doutrinas, rituais e interpretações da Bíblia. Devemos receber uns aos outros na base de uma comunhão mútua com Deus em união viva com Cristo no Espírito. Esta é a essência da verdadeira *eclésia*, e em tal comunhão livre a verdade certamente triunfará.

Por outro lado, se colocarmos a nossa ênfase sobre outros assuntos, como tem sido geralmente o caso nas igrejas desde a Reforma para cá, os grandes erros das Igrejas Romana e Protestante apenas continuarão. Divisão após divisão vencerá sobre todos os esforços de aperfeiçoar a igreja, e certamente qualquer tentativa de formar uma igreja ecumênica será em vão.

Nós simplesmente devemos voltar a este ponto central, pois de nenhuma forma pode ser praticada a unidade do corpo de Cristo. Eu reconheço que para aqueles que são acostumados à vida das igrejas organizadas, este princípio parece ser muito vago e sem aplicação prática, mas se eles o provarem e realmente viverem a vida de comunhão com Deus, praticando comunhão com todos os cristãos nesta base, em breve eles experimentarão a realidade deste princípio. Aqueles que têm experimentado uma verdadeira medida desta *koinonia* com Deus e com os homens, dos tempos apostólicos até o presente, *sabem* que este é o centro verdadeiro e prático para a união de todos os cristãos na *eclésia* de Cristo.

-oo0oo-

## CAPÍTULO 6

### O Único Caminho à União

#### SUMÁRIO

No último capítulo procuramos focalizar o centro do cristianismo. Vimos que este centro é comunhão espiritual (*koinonia*) com Deus através de Cristo. Onde houver esta *koinonia* haverá o corpo de Cristo, a *eclésia*. Onde ela estiver faltando, não haverá a *eclésia*.

Mostramos que isto é claramente confirmado nas Escrituras, visto que esta comunhão é o tema da Bíblia inteira de Gênesis ao Apocalipse. Em *todas* as doutrinas, *koinonia* com Deus é o objetivo final esperado, enquanto que as doutrinas servem apenas como afluentes a este rio principal.

Quando houver verdadeira comunhão com Deus, a verdadeira união virá automaticamente - *se não se levantarem barreiras humanas*. Portanto, devemos receber uns aos outros simplesmente na base da comunhão mútua com Deus em união viva com Cristo - esta é a essência da verdadeira *eclésia* e aqui somente encontramos o caminho à união de todos os cristãos.

#### A QUESTÃO DE DOCTRINA

A conclusão de que a comunhão com Cristo é o centro do cristianismo pode levantar um problema de alguns cristãos a respeito da importância que deve ser atribuída às doutrinas no cristianismo. Por exemplo, tomemos a doutrina da cruz de Jesus, ou a salvação pelo sangue de Cristo. Alguns vão dizer: "Não está sendo negligenciado a doutrina de salvação pela cruz?" ou: "Alguém poderá ser salvo sem redenção pelo sangue?" Já que esta doutrina foi o alicerce da Reforma, tais perguntas são naturais e justificadas. Porém, creio que os seguintes pontos, quando claramente reconhecidos, responderão estas perguntas.

Primeiramente, a fé, como ela é apresentada pelas Escrituras, não é fé nesta ou naquela doutrina, mas fé na *pessoa* do Cristo crucificado e ressuscitado. E tal fé no Senhor Jesus nada mais é que esta comunhão com ele, pelo Espírito que habita nos crentes. Não é apenas uma convicção mas um *relacionamento estabelecido*.

A morte de Jesus Cristo foi a base essencial para a obtenção do perdão dos pecados, porque "sem derramamento de sangue, não há remissão" (Hb 9.22). Mas a necessidade da morte de Cristo como resgate para os nossos pecados foi a preocupação de Deus, "tendo em vista... ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus" (Rm 3.26).

Através da história os homens têm alcançado a fé no Deus Salvador antes dele revelar plenamente como ele efetuará a salvação oferecida. Abraão foi justificado por fé; os israelitas expressaram a sua fé em Jeová através da cerimônia prescrita por ele; Jesus concedeu perdão a muitos pecadores antes da sua morte - em todos estes casos e em muitos outros, a morte expiatória de Cristo sem dúvida estava na mente de Deus como a base do perdão. Mas aqueles cujos pecados foram perdoados estavam confiando no *próprio* Redentor, sem conhecer qualquer método ou teoria de redenção.

Fé é comunhão com Deus em Cristo na base da redenção comprada pelo sangue. Não é conhecimento ou aceitação da doutrina.

É verdade que somente através do ensinamento da morte de Cristo como o grande preço da nossa redenção é que nós chegamos a entender a profundidade imensurável do amor de Deus por nós. Quanto mais profundo for nosso reconhecimento do seu amor, mais firme será a nossa convicção do perdão dos nossos pecados, maior será o nosso amor para com Deus e mais estreito se tornará a nossa comunhão com ele. Conhecendo a Deus, que é amor, naturalmente expressá-lo-emos aos outros em termos da nossa experiência de redenção através do seu sangue derramado.

Mas há muitos cuja consciência do pecado não é suficientemente profunda para proporcionar-lhes a capacidade de apreciar esta doutrina da redenção, ou cujo passado torna difícil a plena compreensão dela. Também, há alguns que foram impedidos pela ortodoxia morta daqueles que, ao mesmo tempo em que professam a crença nesta doutrina, vivem uma vida pouco diferente daqueles que não têm fé.

*A morte de Cristo é necessária para o perdão dos pecados, mas o nosso entendimento dela não é necessariamente uma condição da salvação.*

No último juízo, o Juiz não se interessará tanto na confissão doutrinária daqueles que estiverem diante dele, como em saber se se submeteram a Cristo e obedeceram a sua vontade. Jesus ensinou que muitos daqueles que estão confiando na sua declaração doutrinária correta ou na sua obra plenamente evangélica descobrirão no fim que serão completamente rejeitados: "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então lhes direi explicitamente: Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade" (Mt 7.21-23).

Ao juiz dos vivos e dos mortos não importa o seu entendimento teológico ou exatidão doutrinária - sua *obediência de coração* revelará se tinha ou não fé em Deus. O Senhor julgará os homens unicamente pelo que eles *são* e pelo que *fizeram*, não pelo que ele conheciam e confessavam, exceto naquilo em que a confissão revela o coração.

O sangue derramado de Cristo é o meio através do qual cada verdadeiro cristão alcança a união viva de comunhão com Deus. Mas alguns podem depender deste meio sem o entendimento do significado dele. Eles podem confiar "naquele que salva" sem compreender tudo que ele faz na obra de salvação. Comunhão com Deus é possível a todos os que, arrependendo-se dos seus pecados e submetendo-se ao seu senhorio, vêm a ele. Esta comunhão - Koinonia - é o *objetivo* procurado, enquanto que a redenção pelo sangue de Cristo é o *meio* de obtê-lo.

Se doutrina for tomada como o centro, ela se torna a causa de divisões, porque ela cria a tendência de julgar a fé dos outros pelo nosso próprio entendimento. Deus deu o seu Filho na cruz, não para tornar a sua redenção - ou o entendimento dela - uma condição da salvação, mas para que ela fosse a base da salvação, *que é comunhão viva com ele mesmo*. O Senhor Jesus derramou o seu sangue, não para levantar uma barreira à comunhão com Deus, mas para abrir o caminho à sua concretização.

Agora, se a doutrina fundamental da Redenção não deve ser transformada no centro da fé cristão, muito menos qualquer outra questão teológica. Não é que estas doutrinas não tenham importância. Muito pelo contrário. É uma questão de *uso errado*. De fato, se as doutrinas não fossem assim abusadas, quase todas as causas de divisão e sectarismo seriam eliminadas.

As igrejas organizadas, com suas doutrinas e cerimônias, podem ser comparadas a uma casa com seus ornamentos. As doutrinas são úteis somente se auxiliarem as atividades do Espírito na *eclésia*. Mas a história do cristianismo está rica de exemplos que demonstram que geralmente elas atrapalham a obra de Deus e tendem a sufocar a vida de Cristo com restrições exteriores, escondendo a verdadeira *eclésia* e seu cabeça. Porém, se colocarmos a comunhão com Deus no centro, todos estes erros e divisões podem ser evitados.

### ISRAEL E JESUS CRISTO

No Velho Testamento, Deus constantemente ensinava a Israel a separar-se das outras nações, por ser o tesouro peculiar de Deus, escolhido por Jeová e exaltado acima de todas as nações (ver Êx 19.5,6; Dt 4.20; 9.29; 14,2; 26.19). Portanto, os israelitas não só foram proibidos de adorar a outros deuses e ídolos, como também Deus os



fez um povo separado por proibi-los de se casarem com os outros povos, pela ordem de circuncidar todos os seus machos e por vários outros regulamentos sociais e alimentícios.

Isto tudo tem a aparência do mais estreito sectarismo e não podemos negar que a falta de entendimento deste exclusivismo tem exercido grande influência sobre o cristianismo. Certamente exerceu sobre os judeus antes de nós, e Cristo era declaradamente contra este espírito de orgulho em Israel.

Ouçã as palavras de João Batista: "E não comeceis a dizer entre vós mesmos: Temos por pai a Abraão; porque eu vos afirmo que destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão" (Mt 3.9). Em outra ocasião Jesus disse: "Digo-vos que muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus. Ao passo que os filhos do reino serão lançados para fora nas trevas" (Mt 8.11,12). Depois em João 10.16, ouvimos: "Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz, então haverá um rebanho e um pastor".

Está bem claro nestas afirmações e em outras que Cristo odiava o espírito sectário e o orgulho nacional. A separação de Israel das outras nações *não* significava que eles deveriam se orgulhar acima das outras, mas que eles deveriam se aproximar de Deus e ser ensinados como viver diante dele sem se contaminarem com o espírito do mundo ao redor. O propósito nisto não era que vangloriassem na sua existência como nação e desdenhassem das outras, mas que nas suas bênçãos - como um exemplo - eles pudessem apontar diante de todas as outras nações para o único vivo e verdadeiro Deus.

Jesus frequentemente condenava os fariseus com palavras severas. Mas ele nunca os culpou por pertencerem à seita dos fariseus, mas por causa das suas formalidades e legalismo. Ele não hesitava em ter uma conversa amigável com Nicodemos ou em jantar e conversar com Simão e outros fariseus. Eles os condenava, não porque pertenciam à seita dos fariseus, mas porque eles se orgulhavam em ter toda a verdade de Deus, de maneira exclusiva. Jesus odiava o sectarismo. A questão era se eles eram fiéis e sinceros, e não se pertenciam à seita dos fariseus.

Jesus advertia aos seus discípulos contra este espírito sectário. Em Lucas 9.49,50, João disse: "Mestre, vimos certo homem que em teu nome expelia demônios, e lhe proibimos, porque não segue *conosco*". Mas Jesus disse a ele: "Não proibais; pois quem não é contra vós outros, é por vós". João queria que os discípulos monopolizassem a verdade entre eles e excluíssem todos aqueles que não pertenciam ao seu grupo. Este sectarismo, que Jesus condenava, é o espírito que dominava a Igreja Romana e que foi herdado pelos protestantes.

Jesus insistia em que os homens tivessem fé nele, amassem a ele e tivessem *koinonia* com ele: "Quem não é por mim, é contra mim; e quem comigo não ajunta, espalha... Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim". Em tais declarações, Jesus tornava claro que ele é o único e perfeito meio de salvação e que fora dele não há salvação (comparar com Atos 4.12).

Mas esta atitude de Jesus não pode ser denominada uma atitude sectária. Ele estava esclarecendo a distinção essencial entre aqueles que eram de Deus e aqueles que não eram; não era uma distinção sectária no meio dos que pertenciam a Deus. Sectaristas são aqueles que gostariam de fazer da comunhão com Cristo um privilégio exclusivo. Eles não se satisfazem só em pertencer a Jesus, querem que Jesus pertença a eles.

Jesus condenava os fariseus, não porque eles não pertenciam ao seu grupo, mas por causa da sua hipocrisia, falsidade e falta de amor. Ele queria que todos os homens viessem a ele e tivessem *koinonia* com ele, mas ele não pretendia que os que viessem a ele formassem algum grupo exclusivo ao seu redor. Ele escolheu doze discípulos para pregar o evangelho de Deus, não para criar uma seita.

Ele nunca lisonjeava a pessoas de posição alta, tal como Nicodemos ou José de Arimatéia, seduzindo-as a se unirem ao seu grupo e lhe ajudar. Se ele tivesse feito algumas concessões aos fariseus, ele poderia facilmente ter conseguido influência temporal. O fato de que ele não fazia tais coisas não significava apenas que ele queria tomar os seus seguidores honestos e sinceros, mas também que ele estava comunicando *vida* e edificando um reino que *não era deste mundo e nem obedecia aos seus princípios*.

Jesus não tinha nenhum pensamento de criar uma organização ou grupo formal em torno de si, nem ensinou aos seus discípulos a formarem tal grupo organizado. Tudo dependia do Espírito unir os homens a Deus através da sua fé. Quão diferente Jesus era daqueles sectaristas que, como os escribas e fariseus, percorriam o mar e a terra para fazer um prosélito, somente para torná-lo duas vezes mais filho do inferno que eles mesmos (Mt 23.15).

Cristo só queria fé nele mesmo. Ele não tinha interesse em qualquer organização institucional com seus ofícios e cargos temporais e suas leis. Ele nem formulou quaisquer dogmas ou credos que poderiam ser usados para distinguir os crentes dos não crentes. Quando ele elogiava a fé de alguém, não era por causa da sua teologia ortodoxa, ou pelo fato de pertencer a alguma organização, mas na base de uma fé simples na sua pessoa.

Tal fé simples na pessoa do próprio Jesus Cristo, separada de *qualquer* instrução doutrinária ou entendimento teológico, é ilustrada pelo centurião de Cafarnaum, a mulher com a hemorragia de sangue, um dos dez leprosos de Samaria, o mendigo cego de Jericó e a mulher de Canaã (Lc 7.9; 8.48; 17.19; Mt 15.28). Jesus quer que nós tenhamos esta mesma fé simples nele. Esta fé, com a *vida no Espírito* resultante, formam o elo vital com Deus e com os outros, que constitui o corpo de Cristo.

-oo0oo-

## CAPÍTULO 7

### Paulo, João e Pedro

#### PAULO

Ninguém pode duvidar do fato de que Paulo tinha a compreensão mais profunda da natureza da *eclésia*. Ele ensinou que Cristo é o cabeça da *eclésia*, e que nós, os crentes, ligados a ele como membros, formamos assim um corpo - o seu corpo (Ef 5.23; Cl 1.18; I Co 12.1-31). Quando nós cremos somos unidos a Cristo pelo Espírito. Por meio da fé somente é que estamos no seu corpo. E quando ele se referia à "fé", Paulo tratava de algo equivalente ao próprio Jesus - isto é, amar de todo o coração a Cristo e ter *Koinonia* com ele. Ele tornou isto bem claro quando citou como o grande exemplo desta fé a Abraão, ainda que este não tivesse nenhuma "doutrina" de redenção.

Sem esta fé *viva* e esta união de vida com Jesus Cristo, não somos cristãos, ainda que creiamos teoricamente em cada doutrina bíblica, sejamos batizados cem vezes ou nos membremos a uma instituição magnificente com renome mundial.

Paulo insistia, também, muitas vezes, em que os crentes em Cristo Jesus tivessem uma só mente e vivessem em harmonia uns com os outros (Rm 12.16; 15.5,6; Fp 2.2; 4.2; 2 Co 13.11). Ele demonstrou que assim como os diversos membros do corpo físico são bem diferentes entre si, os dons e funções dos cristãos são a tal ponto distintos que podem ter um pouco de dificuldade em crer que os outros membros são ligados à mesma cabeça e formam o mesmo corpo.

Assim, Paulo adverte ao "ouvido" para não dizer ao "olho" que ele não pertence ao corpo, simplesmente porque não é semelhante ao ouvido. Semelhantemente ele adverte à mão para não dizer ao pé que não precisa dele (1 Co 12.21). Todos os membros com seus diferentes dons e funções devem agir em harmonia, pois cada um é ligado a Cristo, a cabeça.

Na verdade, Paulo não hesitava em condenar qualquer alteração dos pontos fundamentais do evangelho. Mas isto não era por causa de

alguma questão teórica ou interesse sectário, mas por causa da questão vital da união com Cristo ser ameaçada. Se, por exemplo, alguém questionava a ressurreição de Cristo, Paulo se preparava para a batalha. Por quê? Porque a união com um homem morto não pode criar vida. Nós vivemos em Cristo porque ele vive a sua vida de ressurreição.

Mas de assuntos de importância secundária, Paulo nos ensina a ser muito tolerantes em relação a diferenças de opinião. Ele dá perfeita liberdade, muitas vezes nem se preocupando de esclarecer a quem ele acha estar com a razão.

Tome por exemplo as questões sobre se deve comer apenas alimentos de origem vegetal ou todas as coisas, ou se um dia deve ser guardado acima dos outros (Rm 14). Ele ensina que ninguém deve passar julgamento sobre o outro, isto é, sobre um servo de Deus, mas antes deve sondar o seu *próprio* coração e vida, resolvendo nunca pôr uma pedra de tropeço ou impedimento diante de um irmão. Deixando assuntos menos importantes à responsabilidade pessoal de cada crente diante de Deus, devemos viver em harmonia uns com os outros no amor de Cristo e juntos, com uma só voz, glorificar o Deus e Pai do nosso Senhor Jesus Cristo (Rm 14.5,6; 1 Co 1.10).

Dizem que Paulo foi o primeiro teólogo do cristianismo. Isto é verdade, num certo sentido, mas não no sentido moderno desta palavra. Ele explicava o evangelho de modo claro e sistemático a partir da sua experiência e revelação, mas ele nunca cogitou o estabelecimento de um sistema dogmático através do qual se deveria julgar se alguém era ou não um cristão. Ele só queria levar os pecadores a Deus através de Cristo e assim procurou explicar os grandes princípios da graça de Deus em dar-nos o seu Filho unigênito.

Paulo proclamava que através da morte de Cristo no nosso lugar, nós podemos estar na presença de Deus. Sendo justificados pela fé, ele afirmou que temos paz com Deus através de Jesus Cristo, e assim temos *acesso* pela fé a toda a sua graça. Desta forma, Paulo nos dirige ao Deus vivo e ao seu Filho Jesus Cristo, *pelo Espírito*, e não a dogmas mortas e teológicas por nosso entendimento humano.

A coisa importante é entrar em união com Deus através de Jesus Cristo nosso Senhor, e não chegar a um entendimento ou confissão mental de qualquer das declarações pessoais de Paulo a respeito da verdade.

*"A letra mata, mas o Espírito vivifica."* Paulo insistia, como fazia o Senhor Jesus (2 Co 3.6; Jo 6.63), que quem se tornar escravo dos termos literais da Bíblia, será morto ao invés de receber vida. Quanto

mais permanecerão mortos aqueles que se prendem dentro das paredes de instituições, dogmas e regulamentos.

## JOÃO

No caso de João, o assunto é mais claro ainda. Para ele não havia salvação a não ser através da fé em Jesus Cristo (Jo 1.12-18; 3.16-18; 8.12; 10.9; 14.6; 1 Jo 5.5). João distingue claramente entre os que creem em Jesus Cristo e os que não creem.

Segundo João, crer é estar nele (preposição "em"). "Eu estou *em* meu Pai e vós *em* mim e eu *em* vós" (14.20). "Não crês que eu estou *no* Pai e que o Pai está *em* mim?" (14.10). Por muitas expressões semelhantes, João enfatiza grandemente a *koinonia*, ou o encontro com Deus e Cristo.

João não nos deu nenhum sistema de doutrina sobre questões teológicas, muito menos qualquer espécie de dogma. Seus escritos são tão diferentes da maneira sistemática e lógica dos ensinamentos de Paulo que muitas vezes se torna difícil achar o ponto principal da discussão ou descobrir como ele está desenvolvendo o seu argumento. Parece que ele está procurando apenas descrever a vida *de* Deus e *em* Deus em ação, - captando uma visão dela em pleno funcionamento. A vida em Cristo é uma experiência contínua com Cristo e não uma teoria ou dogma.

Quando eu estava compilando a "Concordância Grego-Japonês" eu descobri um fato muito interessante sobre os escritos de João. O *substantivo* "fé" ("pistos") só se encontra quatro vezes no Apocalipse e um vez em 1 João. Mas João emprega o *verbo* "crer" ("pisteno") abundantemente. No seu evangelho, ele o emprega mais ou menos três vezes mais que todos os evangelhos sinópticos somados.

Além disto, João nunca usa a palavra "orar" ou "oração" nos seus escritos (exceto quando a palavra "erotas", que realmente significa "pedido" é traduzida "orar"). Eu não acho que isto ocorreu por acaso. João entendia a "fé", não como um conceito formal a ser formulado em alguma expressão teológica ou dogmática, mas sempre como *uma experiência viva e operante, exprimida mais adequadamente por um verbo*.

João se interessava somente em Cristo, o *alvo* da fé, e não em fé como algo em si mesmo. Para João, a vida de um cristão era uma vida com Deus em Cristo. Oração é falar com Deus e isto nunca acontece sem ter *koinonia* com ele. Já que *koinonia* é comunhão com Deus, a vida de *koinonia* é, ela própria, uma vida de oração. Pelo fato de João não usar a palavra "orar" ou "oração", ele não queria dizer que não existia tal coisa na vida cristã. Muito pelo contrário. A vida cristã em si não deve ser mais nada a não ser oração, ou seja, uma vida de oração.

Da mesma maneira, embora João nunca tenha empregado a palavra "*eclésia*", a não ser no Apocalipse, ele entendia claramente seu verdadeiro significado. O crente compartilha a vida de Cristo como uma parte viva do próprio Cristo, assim como um ramo compartilha a vida da videira. Isto significa, exatamente como Paulo ensinava, que Cristo é o cabeça e que a *eclésia* é o seu corpo.

Em 1 Jo 1.3, João mostra que a vida de comunhão com Cristo e com o Pai é uma vida de comunhão uns com os outros. Somente naquele que ama aos outros é que Deus habita (1 Jo 4.12,16). Ele declara firmemente que somente os que têm o Filho têm a vida e que os que têm esta vida vivem um relacionamento de amor com os outros cristãos (1 Jo 3.14).

Assim, é indiscutível que João, ainda que entendesse a verdadeira *eclésia*, nunca cogitou uma igreja institucional ou um união de cristãos baseada em qualquer coisa que não fosse a *vida*.

## PEDRO

Pedro não diz muita coisa a respeito da *eclésia*. Porém, uma leitura cuidadosa das suas epístolas revela os mesmos princípios que vimos nos escritos de Paulo e João. Ele exorta os crentes a serem santos nas suas vidas - tanto como cristãos, quanto como concidadãos de uma pátria celestial - a terem uma só mente, tendo compaixão e humildade e amando uns aos outros ardentemente de coração (1 Pe 1.16,22;3.8). Para Pedro este era o princípio básico da união da *eclésia* - a casa *espiritual* feita de pedras *vivas*, da qual Cristo mesmo era a pedra angular (1 Pe 2.4-7). Ele não tinha nenhuma ideia de formar uma igreja institucionalizada sobre o fundamento de Jesus Cristo.

Neste capítulo temos apenas um esboço resumido do conceito da *eclésia* como é ensinado nas Escrituras Sagradas. Se você aprofundar mais, descobrirá que estes princípios continuarão válidos. Não existe nenhuma ideia de instituição, autoridade e cargos legais, nem de ritualismo definido, pelo menos como tendo importância central.

-oo0oo-

## CAPÍTULO 8

### A Natureza Essencial da Eclésia

A *eclésia* é o corpo de Cristo e seu cabeça é o próprio Cristo. Este corpo é um *organismo espiritual*. O cabeça e os membros são *realmente* ligados espiritualmente, e por causa desta ligação há verdadeira comunhão com Cristo, e cada membro o ama de coração, mente e espírito.

Esta comunhão é a fé no seu sentido mais puro. Ter fé é confiar em Cristo, como a *pessoa*, com todo o coração. Não é um

entendimento da mente, nem opinião teológica, nem credo, nem organização, nem ritual. É a *koinonia*, ou comunhão, de toda a personalidade com Deus e Cristo, que é em si mesma a continuação da verdadeira atitude de dependência no Salvador que nós denominamos "fé".

Onde houver esta comunhão, haverá a *eclésia*, porque aí está o verdadeiro corpo de Cristo. Onde não houver esta comunhão, não haverá a *eclésia*, ainda que haja batismo, a ceia do Senhor, instituições, cargos eclesiásticos, boas obras ou qualquer outra coisa. Atividades e artifícios humanos não podem fazer ou formar a *eclésia*, e ela não existe fora desta comunhão dos cristãos com Cristo.

### DISTINGUINDO OS VERDADEIROS CRISTÃOS

Por ser um relacionamento *espiritual*, a comunhão com Deus e Cristo não pode ser vista por olhos humanos. Porém a realidade deste relacionamento se manifesta na vida do crente através da sua confissão de fé em Jesus Cristo, pelo seu amor cristão para com os outros e pela sua obediência a Deus demonstrada pela sua conduta. Também, quando alguém verdadeiramente é cristão, ele é sensível a esta comunhão da fé nos outros cristãos e isto resulta no crescimento da amizade cristã.

Se nós pudéssemos saber definitivamente se alguém é ou não cristão simplesmente pelo fato dele ser ou não batizado, seria muito conveniente. Infelizmente, como é bem evidente aqui no Japão, as igrejas são tão impacientes para conseguir mais membros batizados que frequentemente tentam induzir, e às vezes até compelir, os interessados no evangelho a se batizarem. A consequência deste batismo prematuro é que muitos deles se desviam depois, nem assistindo às reuniões da igreja, e muito menos evidenciando fé genuína. Ninguém diria que estas pessoas são cristãs só porque uma vez foram batizadas.

Então, ter a doutrina certa seria o verdadeiro sinal de um cristão? Sim, realmente. Porém, há alguns que mais tarde duvidarão dos ensinamentos que uma vez aceitaram, talvez porque era mais uma aceitação mental que uma fé de coração. Outros fazem uma confissão de fé por causa de um sentimento emocional, enquanto que outros ainda não são completamente sinceros quando fazem uma confissão. Consequentemente, este também não poderá ser o meio certo de conhecer os verdadeiros cristãos.

Semelhantemente, a aceitação de credos não deve ser tomada como a prova de alguém ser um verdadeiro cristão, pois tal aceitação não implica necessariamente num pleno entendimento e experiência daquelas afirmações. Há uma grande diferença entre a aceitação de

doutrinas ou credos e a comunhão com Deus. A primeira é um questão de razão e conhecimento, enquanto que a segunda é uma questão do Espírito dar *vida*.

É evidente que não existe meio humano de distinguir claramente entre crentes e não crentes em casos incertos ou nebulosos. Os métodos de distinção usados pelas igrejas e grupos cristãos só podem resultar - conforme a experiência tem provado - na inclusão de alguns que realmente não conhecem a Cristo e na exclusão de alguns que têm a sua vida. Neste sentido, as igrejas existentes não podem ser consideradas como a *eclésia* ou o verdadeiro corpo de Cristo. Tem causado confusão séria quando certas atitudes e prerrogativas são assumidas por estas igrejas atuais, que seriam aceitáveis apenas no contexto do verdadeiro corpo. Nós devemos sempre distinguir claramente entre as igrejas dos homens e a *eclésia* de Cristo - o corpo no qual ele *habita*,

Neste ponto talvez você esteja pensando: "Se nós não podemos distinguir entre cristãos e não cristãos, como poderemos ter comunhão com os cristãos?" Para aqueles que estão acostumados à prática das igrejas, esta pergunta é normal, pois a ideia de ter comunhão cristã sem preocupação com as distinções exteriores promulgadas pelo seu grupo ou igreja lhes traz confusão e dúvida.

Tal ansiedade é desnecessária, porém, pois o Deus que propositou e criou esta comunhão tem providenciado um alicerce muito real e prático para sua realização. *Nosso problema é porque duvidamos da suficiência do relacionamento espiritual que Deus nos deu, entre nós e ele mesmo, e entre nós e os outros cristãos, como uma base sólida de verdadeira e plena comunhão.* Esta dúvida existe somente porque tal comunhão irrestrita e simples tem sido tanto tempo impedida e escondida pelos laços do institucionalismo. Devemos permitir que o poder vivificador do Espírito nos liberte deste falso espírito eclesiástico, se nós quisermos praticar a verdadeira comunhão cristã.

A vida nova que recebemos no novo nascimento, embora espiritual, é uma vida *real* que se expressará na nossa vida prática. A vida diária do cristão revela a sua fé tanto em palavras como em ações. Por exemplo, ele testifica da sua fé no Senhor Jesus sem acanhamento. Aqueles que tiveram comunhão com o Senhor não terão dificuldade de achar seus companheiros cristãos. Todos os que estiverem "olhando firmemente para o Autor e Consumador (ou Aperfeiçoador) da fé", reconhecerão imediatamente os que tiverem a mesma característica de vida. *Isto poderia ser denominado o instinto da nova vida.* Quanto mais forte a fé, mais agudo será este sentido ou percepção; pois os que mantêm uma comunhão mais vital com Cristo



nesta nova vida, terão mais facilidade de identificar aqueles que têm a mesma vida.

Outro ponto que é importante entender é que à luz da verdadeira *eclésia*, não é necessário delimitar o corpo de Cristo.

As igrejas acham necessário fazer isto a fim de cumprir suas atividades e funções organizacionais, mas Cristo disse: "Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles". Mesmo quando não houver nenhum edifício da igreja nem liderança oficial, Cristo ainda estará no meio daqueles que se reúnem no seu nome. Esta é a essência da verdadeira *eclésia*, que existe mesmo que não haja nenhuma "igreja" (prédio ou organização) no sentido tradicional.

Quando os que confessam a Cristo estiverem realmente vivendo a vida de comunhão com o Senhor, eles praticarão a verdadeira comunhão da *eclésia* com todos os outros cristãos como uma consequência natural. Isto é, se todos os outros elementos, como credo, rituais, instituições e entendimentos da Bíblia, forem secundários. *A comunhão uns com os outros é então inteiramente um resultado da comunhão com Cristo*, e desta forma esta *koinonia* com ele é verdadeiramente o centro da fé. Quando os cristãos estiverem unidos nesta simples base neo-testamentária, tolerarão as diferenças de opinião e de prática em assuntos secundários. Amarão uns aos outros com o amor de Cristo, e neste amor vemos a esperança daquela unidade de todos os cristãos, a qual almejamos.

"Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai que está nos céus" (Mt 10.32).

"Porque com o coração se crê para justiça, e com a boca se confessa a respeito da salvação" (Rm 10.10).

"Aquele que confessa que Jesus é o Filho de Deus, Deus permanece nele, e ele em Deus" (1 Jo 4.15).

Assim, a confissão de fé, se não for desmentida pela vida, prova que alguém tem *koinonia* viva com Deus e se tornou um membro do corpo de Cristo, a *eclésia*. Mas: "se alguém disse: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso" (1 Jo 4.20); portanto, geralmente podemos concluir através da conduta e atitude da vida diária de uma pessoa, se a sua confissão é sincera ou não.

Além disto, os que realmente mantêm comunhão com Cristo não podem evitar de propagar o evangelho. No meio dos não crentes, eles darão testemunho da verdade, não só pela palavra das suas bocas, mas em fazer boas obras e em não temer perseguição dos inimigos de Deus. Quem recebeu algum dom espiritual, especialmente os dons de

ensinar ou pregar, usará estas habilidades. Desta forma, Deus fará com que a *eclésia* cresça de fé em fé.

### A VIDA DA IGREJA (*ECLÉSIA*)

Esta *koinonia* - a vida de comunhão com Deus e Cristo, tendo acesso a Deus e encontrando-o em amor e fé - é a verdadeira *eclésia*. Nesta *experiência* de vida, os cristãos se reunirão, adorarão a Deus juntos, ajudarão uns aos outros e realizarão diversas boas obras em cooperação. Como é natural numa sociedade humana, na *eclésia* também haverá distribuição de serviços de acordo com a variedade de dons (1 Co 12.27,28). Tudo será controlado pelo cabeça, Cristo, e cada membro fará a sua própria parte em obediência à vontade do cabeça.

Nenhuma instituição, ritual ou cerimônia humana é necessária para realizar isto. A *eclésia* não pode ser formada por conhecimento humano ou atividades humanas. Aliás, foram estas coisas que edificaram a torre de Babel. A igreja institucional pode se assemelhar exteriormente à *eclésia*, mas a comunhão espiritual com Deus e Cristo é abafada ao invés de ser estimulada, pelas formalidades da igreja.

A união *legal* da organização humana, que é frequentemente governada por homens escolhidos por métodos humanos, é substituída na *eclésia* pela união *espiritual*. Pela sua própria natureza - por ser uma instituição - a igreja organizada é tendente a se tornar carnal ("sarkikos") ao invés de espiritual ("pneumatikos"). Também o sectarismo existente é em si uma prova de uma mentalidade carnal. "Porquanto, havendo entre vós ciúmes e contendas, não é assim que sois *carnais* e andais *segundo o homem*?" (1 Co 3.3). A *eclésia*, por outro lado, é um produto do Espírito. É, portanto, absolutamente necessário que meios *espirituais* sejam empregados no seu governo e edificação.

Se nós não dermos a preeminência devida à *koinonia* com Deus através de Cristo como o centro da fé cristã, nós só poderemos falhar, pois existem somente dois caminhos diante de nós. Aparte do ateísmo secular e das concepções materialistas, se não acharmos a satisfação através de comunhão com Deus 0 para a qual fomos criados - então, invariavelmente, tentaremos achar a realidade e satisfação no "sistema eclesiástico" de instituições, formas e doutrinas. *Faltando "vida" espiritual, viramo-nos à "religião" - o cadáver inerte.*

-oo0oo-

## CAPÍTULO 9

### E as Seitas e Denominações?

VARIEDADE ESSENCIAL

Se é verdade, então, que a *eclésia* existe onde houver comunhão com Deus em Cristo - e a comunhão resultante entre os crentes - que posição terão as igrejas existentes? Como devemos nos reagir a todos os credos, dogmas, doutrinas, interpretações da Bíblia, cerimônias, sacramentos e sistemas legais?

Em primeiro lugar, não devemos negar nem procurar evitar o fato da variedade em assuntos doutrinários e práticos. O homem é uma criação de Deus e Deus não cria à moda de uma fábrica, por produção em massa. Cada pessoa é criada individualmente por Deus como um ser independente e é, por isto, mais ou menos diferente de todas as outras. Erramos se esperamos encontrar semelhança mecânica entre os homens, mesmo entre os filhos de Deus. A *eclésia* é um corpo que consiste de muitas personalidades independentes, ainda que sejam também interdependentes. Até a ciência da biologia nos ensina que quanto mais desenvolvida for a vida, mais complexa será a sua composição.

Alguns crentes têm profundas percepções teológicas, outros têm fervorosas tendências evangelísticas; alguns têm este dom, outros aquele; há também diferenças de raça e língua, de grau de cultura e costumes sociais. Cada um de nós tem sua própria responsabilidade para cumprir, em virtude das diferenças dos dons concedidos por Deus e das circunstâncias em que está. Estas diferenças, no entanto, não deveriam se tornar causas de divisões. *Por que é que pensamos que a divisão é sempre a única alternativa à uniformidade ou igualdade?* As variedades incontáveis da mente humana demonstram o caráter multiforme do corpo de Cristo, pretendida por Deus. Cada membro não só deve *reter* sua particularidade, como também deve desenvolver seus dons especiais a fim de poder servir *toda a eclésia* e fazer a sua contribuição necessária à plenitude de Cristo no seu corpo.

Neste sentido, as ênfases diferentes de muitas denominações e seitas *não* estão erradas em si. Estas mesmas diferenças beneficiariam todo o corpo se cada grupo fosse suficientemente humilde para reconhecer o valor dos demais, ao invés de fazer das suas diferenças a base de exclusivismo e separação.

Não só é desnecessário, como também prejudicial, tentar anular estas diferenças e fazer delas uma mediocridade - e pior tentar unificá-las através do poder político ou eclesiástico. Ao invés de condenar ou excluir aqueles cujo conhecimento ou entendimento seja diferente do nosso, devemos amá-los, agradecendo a Deus pelo que ele nos deu através deles. Ainda que seja muito *natural* (carnal) que estas diferenças se tornem causas de divisão, os cristãos não devem se submeter a esta influência. É o orgulho que despreza quem é diferente. Se nós, ao contrário, *respeitamos* as tendências diferentes, em amor

uns pelos outros, esta variedade dos grupos locais de cristão contribuirá ao corpo de Cristo, ao invés de prejudicá-lo.

São justamente estas diferenças que causaram as seitas e denominações. A existência destas características diversificadas em si não deve ser condenada; mas em vez de perceber o quanto precisamos da contribuição que pode fazer à nossa fé quem é diferente de nós, temos feito das nossas próprias diferenças o ponto de união - *colocando a nossa expressão particular do cristianismo no lugar de Cristo, como centro da nossa fé e comunhão*. Como resultado, aquilo que Deus designou como bênção à vida do corpo, se tornou uma maldição, dividindo os cristãos em grupos pequenos, separando-os dos demais. em todo lugar vemos os crentes colocando seus próprios irmãos para fora da sua comunhão e rejeitando, condenando e desprezando aqueles em quem Cristo habita. Quão terrível aos olhos de Deus é o pecado da desobediência da ordem divina de amar *todos* os cristãos, não apesar das suas diferenças, mas *por causa delas*.

Será que podemos ignorar tão facilmente as palavras do apóstolo Paulo: "Rogo-vos, pois, que, o prisioneiro no Senhor, que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados, com toda humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz"? Ele continua a mostrar que a base desta atitude está na união sétupla que nos faz *um* em Cristo. "Há somente *um* corpo e *um* Espírito, como também fostes chamados *numa* só esperança da vossa vocação; há *um* só senhor, *uma* só fé, *um* só batismo; *um* só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos" (Ef 4.1-6).

No corpo humano os olhos, boca, nariz, ouvidos, mãos, pés e muitos outros órgãos físicos operam cada qual de acordo com o propósito pelo qual foram criados, nunca se intrometendo na esfera de serviço do outro e nem menosprezando a função do outro. Cada um desempenha seu "chamamento" de acordo com a ordem da cabeça. O pé não diz: "porque eu não sou a cabeça, não pertença ao corpo"; nem diz o ouvido: "porque eu não sou olho, não pertença ao corpo". O olho não deve desprezar o ouvido porque este não pode ver a beleza da natureza; semelhantemente, o ouvido não deve condenar o olho porque este não pode ouvir música bonita (leia 1 Co 12).

Isto não significa, porém, que um cristão pode crer em qualquer coisa que ele quiser, ou que qualquer espécie de fé poderá ser a fé cristã. Não, há um requisito que nunca pode ser dispensado - a comunhão viva com Deus e Cristo. Este é o centro da fé cristã, sem o qual ou opondo-se a ele, ninguém pode ser chamado um cristão. Cristo, *ele mesmo*, é o alvo da nossa fé, e cremos nele *como uma pessoa*, não

apenas em fatos a respeito dele. Quaisquer que sejam nossas ideias ou concepções, temos que achar a fonte e origem delas naquele que, como alvo da nossa fé, é a rocha da qual flui a água da *vida*. Sem esta *vida* (o Espírito que habita em nós), não somos dela.

## UNIDADE COM DIVERSIDADE

Um ensinamento muito útil sobre este tema é encontrado em Romanos 14 e 15. Paulo usa os exemplos de opiniões diferentes a respeito de alimentação e dias especiais entre os cristãos de Roma para ensinar que eles não devem julgar ou desprezar uns aos outros. *Note que ele não lhes recomenda a encontrar uma mediana feliz entre as opiniões opostas ou a equilibrar os dois extremos numa posição do "meio"*. Pelo contrário, ele admoesta a que "cada um tenha opinião bem definida em sua própria mente". Ele declara que Deus é capaz de fazer com que ambos os extremos permaneçam em pé, já que ambos estão servindo ao Senhor em obediência à sua convicção individual da sua vontade (Rm 14.4). Os fracos na fé não devem passar julgamento sobre os fortes e os fortes não devem desprezar os fracos.

Neste contexto, não tem nenhuma base bíblica para definir a vontade de Deus através de um voto da maioria. A vontade de Deus não pode ser definida pelos desejos da maioria; portanto, cada um de nós deve encontrar pessoalmente a vontade de Deus para sua vida. Cada um deve fazer aquilo que ele crê que seja a vontade de Deus para sua própria vida, e deixar que os demais enfrentem a sua responsabilidade de fazer o mesmo. A vontade de Deus pode ser diferente para cada um de nós, mas isto não importa. Em dar ordens diferentes a muitas pessoas, e em juntá-las de acordo com o seu plano, Deus realizará finalmente a sua vontade completa. Responsabilidade *individual* é necessária para fazer a vontade de Deus, pois a vontade de Deus é complexa e composta, diferindo de acordo com cada pessoa envolvida.

Por outro lado, Paulo nos diz que devemos viver em *harmonia*, "unidos de alma, tendo o *mesmo sentimento*" (Fp 2.2). Ele diz que devemos ser "inteiramente unidos, na *mesma disposição mental* e no *mesmo parecer*" (1 Co 1.10), e ter "o mesmo sentir de uns para com os outros, segundo Cristo Jesus, para que concordemente e a *uma voz* glorifiquéis ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo" (Rm 15.6).

A questão é, então, como aqueles que têm "opinião bem definida em sua própria mente" (Rm 14.5) em relação a convicções *diferentes* podem ter o mesmo sentimento e glorificar a Deus com *uma boca e uma mente*. Não está óbvio que isto só pode ser realizado se o nosso centro único e essencial, do qual toda a nossa experiência cristã flui, for o amor e a unidade da comunhão espiritual com Deus em Cristo?

*Isto é unidade com diversidade e diversidade na unidade. A verdadeira *ecclésia* não tem uniformidade e nem diferenças conflitantes, nem individualismo nem coletivismo. É *um* corpo vivo, com membros *diferentes*.*

Esta é uma advertência forte contra o espírito sectário das igrejas. As diferenças dadas por Deus, que deveriam contribuir à plenitude do corpo único, têm se tornado em causas de divisão ao invés de união. Cada seita e denominação tem sua própria instituição e credo. Quando há uma diferença entre os membros de uma igreja, alguns se separam dos seus irmãos para formar sua própria instituição e credo. Tal instituição ou credo distingue aquele grupo de todos os demais e assim se torna em causa de divisão.

### A ÚNICA BASE PARA DIVISÃO

Isto levanta a pergunta, se deve ou não excluir alguém da comunhão cristã. A resposta, evidentemente, é afirmativa, mas devemos ter o cuidado de notar as circunstâncias bíblicas de tal exclusão. De acordo com Paulo, tais casos surgem quando houver alguém no meio dos irmãos que tenha cometido um pecado grave. Paulo instruiu os crentes a não se associarem "com alguém que, dizendo-se irmão, for impuro, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou beerrão, ou roubador; com esse tal nem ainda comeis" (1 Co 5.11).

Tais "crentes", se se provarem incorrigíveis, deverão ser considerados como não crentes (Mt 18.15-17). Porém, tal separação não ocorre entre cristãos, mas antes é a expulsão daqueles que não podem ser aceitos como cristãos, apesar da sua confissão. Se nós permitirmos que os pecadores assim se misturem com os membros do corpo de Cristo, a *ecclésia*, é como se deixássemos germes infecciosos ou um tumor maligno permanecer no nosso corpo físico - corromper-se-ia todo o corpo.

Há um diferença fundamental entre imoralidade, ou doutrina que nega a Cristo, e as variedades de doutrinas e prática encontradas entre cristãos individuais que basicamente têm Cristo como o centro da sua fé. Enquanto a primeira corrompe e destrói o corpo de Cristo, a segunda o tornará completo. Por isto, a primeira deve ser rejeitada e expulsa, enquanto que a segunda deve ser aceita e tratada como um conjunto de contribuições ordenadas por Deus à comunhão.

Isto não significa, naturalmente, que *todas* as diferenças doutrinárias devem ser aceitas. Quando Paulo lembrou os crentes da essência do "evangelho que vos anunciei, o qual recebestes e no qual ainda perseverais; por ele também sois salvos, se retiverdes a palavra tal como vo-la preguei, a menos que tenhais crido em vão" (1 Co 15.1,2), ele queria enfatizar a importância daquilo que ele havia pregado. Sua

mensagem foi que "Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. E apareceu a Cefas, e, depois, aos doze" (1 Co 15.3,4,5).

Naquele tempo havia alguns "cristãos" que insistiam que os mortos não ressuscitam. Isto levantava um problema muito sério para Paulo, pois o centro da fé era comunhão com um Cristo *vivo*, que "por eles morreu e ressuscitou". Portanto, esta diferença não era uma questão de opinião teológica, mas uma negação da base essencial da fé cristã - isto é, a comunhão no Espírito com o Cristo ressurreto. Se Jesus não ressuscitou, esta comunhão com ele seria pura fantasia, faltando realidade, e então "é vã a nossa pregação e vã a vossa fé" (1 Co 15.14). Paulo não poderia ficar em silêncio sobre isto.

### A DEFINIÇÃO DA QUESTÃO

Em conclusão, voltamos novamente à nossa reação às igrejas sectárias que já existem. É verdade que estas têm geralmente sua origem naquelas variações e diferenças que devem ser reconhecidas e apreciadas pela sua contribuição necessária à vida e comunhão de todo o corpo. Porém, forçosamente concluímos que as organizações e instituições edificadas pelos homens sobre estas diferenças têm apenas servido para impedir e interromper a vida da verdadeira *eclésia*. A história tem provado vez após vez esta verdade. Até as melhores instituições não têm acrescentado coisa alguma à realidade e praticabilidade da *koinonia* com Deus em Cristo que o Espírito produz no corpo de Cristo. Os crentes que estão fora das seitas e denominações não sentirão necessidade delas para ter plena e completa comunhão com Deus e os homens na *eclésia*. Quanto àqueles que estão dentro das seitas e denominações, ainda que não precisem deixar as suas organizações institucionais, certamente terão que enfrentar claramente a questão de obediência a Deus na manifestação prática da comunhão ilimitada que Deus pretende que tenham como membros de todo o corpo de Cristo.

-oo0oo-

## CAPÍTULO 10

### Esclarecimento de Várias Questões

Divisão, confusão e limitação podem ser lidas claramente na cristandade de hoje. O Espírito sectário tem paralisado a experiência gloriosa de todos os crentes serem um grande corpo em Cristo. Mesmo assim, no meio de tudo isto - até nos momentos mais escuros que vieram depois de Cristo - sempre tem havido quem gozasse de uma comunhão viva com Deus e com todos os outros que mantêm comunhão com ele.

A graça de Deus e a presença poderosa do Espírito têm criado e mantido no mundo, até mesmo no meio dos embaraços do institucionalismo religioso, um "povo peculiar", denominado pelo Novo Testamento "*eclésia*". Esta comunhão simples e viva, ou *koinonia*, foi *substituída* (e não produzida, como muitos pensam) pelas "igrejas", que têm procurado expressar a vida espiritual através de formas institucionais, dogmáticas e cerimoniais.

Um estudo cuidadoso desta *eclésia* revela certas verdades básicas que procuramos esclarecer nos capítulos anteriores mas que poderíamos resumir aqui:

*O centro do cristianismo é comunhão com Deus através de Jesus Cristo.* Este relacionamento com Deus é simplesmente a condição de ter fé pessoal no Senhor Jesus, isto é, de estar em união viva com Cristo pela vida nova e espiritual que o Espírito que vem habitar no homem concede ao verdadeiro crente.

*Todos aqueles que estão verdadeiramente vivendo num relacionamento vivo com Deus são ligados a todos os outros que têm este mesmo relacionamento por esta mesma espécie de comunhão.* Esta *koinonia* com outros crentes é denominada "*a eclésia*", e é semelhante à *koinonia* com Deus chamada "*salvação*", pois é baseada no fato de todos possuírem o Espírito vivificante.

*A eclésia, como o corpo de Cristo, é um organismo vivo,* composta de todos aqueles que estão em comunhão com Deus. Instituições, organizações, credos, doutrinas e cerimônias não são essenciais a esta comunhão. Nenhuma destas coisas serve para determinar quem é realmente um membro do corpo, e quem não é.

*Cada membro é designado por Deus para uma contribuição necessária a todo o corpo.* Os dons do Espírito, que é um só, à medida que ele opera através de indivíduos, os faz mais ou menos diferentes uns dos outros, embora todos tenham a mesma comunhão com Cristo.

*A união inerente do corpo de Cristo não deve ser prejudicada ou impedida por qualquer coisa.* A organização, doutrina ou cerimônia, usada por alguns para expressar a sua fé em Cristo, *nunca deve restringir ou limitar a comunhão e nem se tornar centro dela.* Diferenças de entendimento ou de prática são normais e até benéficas, e não motivos de divisão ou orgulho entre os cristãos.

Agora, ao chegar à conclusão de que comunhão com Deus em Cristo é o verdadeiro centro do cristianismo, descobrimos que muitos problemas são resolvidos.

Por exemplo, os cristãos viverão *naturalmente* como uma *eclésia*, em comunhão com Deus, enquanto que isto nunca poderá acontecer enquanto mantivermos nossa concepção atual da igreja.



Também, isto revela a razão de tantos assim chamados "cristãos ortodoxos" agirem como se não fossem cristãos, embora confessem as melhores doutrinas. Por outro lado, outros que mantêm posições doutrinárias bem distantes da ortodoxia, muitas vezes são mais dignos do nome "cristão" no seu procedimento. Os primeiros, embora corretos na sua doutrina, perderam a essência do cristianismo, o que é revelado pelo seu comportamento. Os últimos, ainda que sejam um pouco confusos nas suas mentes, têm alcançado a *vida*, e o fruto daquela *koinonia* com Deus está manifesto a todos.

Outra pedra de tropeço a muitos é a diferença aparente entre o ensinamento de Paulo e o de Cristo nos evangelhos. Jesus enfatizava a ação, enquanto Paulo ensinava a fé. Porém, torna-se claro que o centro e essência final de ambos os ensinamentos é a união de vida entre Deus e o homem e conseqüentemente a diferença é apenas uma questão de *ênfase*. Argumentar-se sobre Cristo *ou* Paulo é absurdo.

Outrora, considerava-se um dever sagrado do cristão defender agressivamente as doutrinas ortodoxas, colocando a ênfase deste modo sobre a mente e o conhecimento no lugar de colocá-la sobre o coração e sua reação aos tratamentos do Espírito de Deus. Agora reconhecemos que este zelo é mal orientado. É a união e comunhão com Deus - a *vida* nova em Cristo - que precisam ser defendidas e proclamadas. A doutrina necessária seguirá naturalmente *da sua fonte própria e verdadeira*.

A história dá testemunho disto. Se instituição, organização, credo, ritual, etc, se tornarem o centro da fé cristã, a vida dos cristãos deixará de ser a vida de Cristo, como aconteceu no catolicismo, ou a igreja se estilhaça em inúmeros fragmentos, como aconteceu no protestantismo.

Quando virmos esta verdade simples, a "lei áurea" (Mt 22.37-39) aparece na sua forma perfeita e se torna vital na vida da *eclésia*. Embora ninguém duvide de que esta lei do amor seja o ensinamento mais elevado do cristianismo, muitos protestantes têm deixado de reconhecê-la como a expressão básica de *koinonia* com Deus, devido à sua insistência de que o homem é salvo somente pela fé.

Infelizmente, o movimento ecumênico está andando no mesmo caminho no qual as organizações anteriores erraram. É bom procurar a união dos cristãos, mas fariam melhor se enfatizassem a tolerância e o amor entre todas as seitas e denominações e a criação de fronteiras institucionais e organizacionais entre estes grupos o mais aberto possível, ao invés da tentativa de criar uma super organização - a igreja ecumênica. Este passo, pelo menos, colocaria o movimento no caminho certo e seria um início promissor em direção à realização completa do corpo.

Outro ponto de perplexidade tem sido a importância dos escritos de João ao expressar a verdade fundamental da *eclésia*. Já que os ensinamentos de João foram mais práticos e experimentais que lógicas, eles não receberam sua posição devida na teologia da igreja. em vez disto, as epístolas paulinas, por seu caráter mais teórico e lógico, foram super enfatizadas pela organização institucional, e se tornaram uma fonte principal das disputas teológicas e das divisões.

*O Novo Testamento é apenas uma extensão e cumprimento do Velho em apresentar a koinonia com Deus como verdade central.* Paulo e João se unem com Cristo em ensinar a mesma verdade, embora de ângulos diferentes.

-oo0oo-

## CAPÍTULO 11

### **Romanismo como Origem de Sectarismo**

A igreja Romana culpa os protestantes pelas divisões dizendo que esta é a nossa justa recompensa pelo pecado de separação da verdadeira igreja. Esta acusação, de princípio parece justa, pois enquanto a Igreja Romana praticamente não sofreu divisão, o protestantismo tem se passado por divisões intermináveis em seitas e denominações. Entretanto, a culpa está realmente com os acusadores.

A Igreja Romana é o mais completo e bem organizado regime totalitário que existe na esfera religiosa - *consequência lógica da conclusão de que o caráter da eclésia é institucional.* Durante mais de mil anos, esta igreja manteve o cristianismo europeu debaixo do seu domínio absoluto. Aliando-se aos poderes temporais, ela conseguiu controle completo sobre toda a Europa.

Este controlo unificado era exercido através de consolidar dogmas, organizações hierárquicas e disciplina forçada sobre os seus membros. Note os três lados deste triângulo sectarista: *consolidação de dogmas, organização hierárquica, e disciplina forçada.*

A fim de conseguir a conformidade de todos, a Igreja usou a punição severa da excomunhão, que significava que o condenado perdia os seus privilégios de cidadão e a proteção legal do estado, como também seu direito de pertencer à Igreja e sua esperança da salvação. Isto foi estendido pelo sistema da Inquisição, pelo qual se entregava ao governo civil os que se opunham aos dogmas, ensinamentos, leis ou instituições da Igreja Romana, para que fossem executados como hereges.

Esta união dos poderes eclesiástico e político, com a opressão e perseguições praticadas por eles, exerceu uma influência tremenda sobre as nações europeias, que a história posterior ainda não ofuscou.

Os homens tinham tanto medo de serem tachados de hereges que raramente alguém ousava criticar as doutrinas da igreja. Praticamente ninguém tinha a coragem de estudar estas doutrinas a fim de verificar se elas eram realmente verdadeiras. Desta forma, os ensinamentos, organizações e autoridade hierárquica do catolicismo vieram a ser considerados inerentemente santos e acima de qualquer crítica. Os europeus, com poucas exceções, se submeteram a este domínio eclesiástico e se tornaram assim defensores fiéis da Igreja Romana.

A perseguição da oposição é um inevitável política malvada de todo sistema totalitário. Isto é verdade tanto no Oriente como no Ocidente. Durante os dois séculos e meio do regime Tokugawa no Japão (1623 - 1867) o governo tinha controle absoluto sobre todo o país. Quando o império português expandiu e os seus missionários católicos ameaçaram se tornar inimigos do governo totalitário Tokugawa, o cristianismo foi proibido. Todos os cristãos foram severamente perseguidos e o cristianismo sofreu um aniquilamento quase total.

Agora, a fim de que o povo aprovasse esta política de perseguição, as autoridades japonesas espalhavam rumores horríveis e infundamentados, dizendo que a religião cristã era tão abominável nas suas práticas e nos seus ensinamentos que acabaria destruindo a nação. Assim, o povo em geral, sem conhecer o cristianismo, acreditavam que era a religião mais perniciosa do mundo e por isto justificava a perseguição dela pelo governo. Esta atitude mental prevalece até hoje, de maneira que a maioria dos japoneses procura ficar longe do cristianismo e aborrece de coração a conversão de algum membro da sua família. Pois os japoneses foram ensinados a odiar o cristianismo e a sentir uma responsabilidade patriótica de aniquilar esta fé perigosa.

Esta é uma ilustração excelente do princípio que operou entre os povos europeus sob o domínio da Igreja Romana através da Idade Média. Quando os homens são submetidos às mesmas condições religiosas e sociais por um longo período de tempo, passam a aceitar a situação em vigor como a verdade imutável. Desde que a Igreja Romana ensinou o povo a odiar os hereges e a defender a integridade dos ensinamentos da Igreja, o povo acreditava ser seu *dever* fazer assim. Daí a intolerância ao hereges.

Os próprios reformadores foram criados neste mesmo ambiente, e por isto eles também acharam necessário defender a verdadeira fé sem tolerar qualquer herege. A única diferença foi que para os protestantes, os católicos eram os hereges e a fé verdadeira era agora a fé evangélica. Também, os protestantes, na maioria dos casos, não se dispunham de poder suficiente para perseguir a Igreja Católica, e se

limitavam, então, a apenas lutar contra ela. Não podendo exterminar o catolicismo, se satisfizeram em apenas se separarem da escravidão da sua autoridade.

No entanto, os reformadores não se limitaram à separação da Roma; pois depois de efetuarem a libertação da sua escravidão, *formaram a sua própria igreja institucionalizada*. Depois, quase que imediatamente apareceram diferenças de opinião entre eles, e tendo aprendido bem a lição de sectarismo da mãe daquele espírito, agora acreditaram ser eles mesmos os defensores da verdadeira fé. Seu único recurso para diferenças de opinião era a separação, e aí se iniciou um princípio infundável de divisão. Isto tem se alastrado especialmente onde há muita liberdade individual, como na Inglaterra e nos Estados Unidos da América. em tais países, onde a liberdade religiosa torna o desenvolvimento das diferenças muito fácil, as pessoas que se dedicam sinceramente à defesa e propagação daquilo que pensam ser a única verdade não têm nenhum escrúpulo de se separarem dos outros, mesmo não podendo persegui-los.

Na Alemanha e Escandinávia, onde as autoridades políticas apoiavam os movimentos da Reforma, o espírito de divisão não se desenvolveu tanto, mas mesmo lá o espírito de excluir os hereges persiste. Naturalmente, as maneiras de expressar uma atitude variam de acordo com cada geração. Já que a separação de outros crentes com os quais não concordamos plenamente não implica mais em perseguição real ou física, muitos pensam que são justificados quando se separam - e por isso mesmo, o assunto se tornou bem mais sério.

Desde que os grandes líderes da reforma entraram eles mesmos nesse espírito intolerante, até mesmo em relação aos outros protestantes, seus seguidores só podiam proceder semelhantemente. A perseguição dos puritanos e de outros independentes pela Igreja Anglicana, a resistência contra o movimento da igreja livre pelos luteranos, a intolerância dos puritanos na Nova Inglaterra (EUA), e muitas outras divisões na Europa e na América têm sido resultado desse espírito de sectarismo que ainda sobrevive entre os protestantes.

Assim o corpo de Cristo tem se dividido em inúmeras secções. Ainda mais lamentável é o espírito de orgulho em jactar-se sobre tal separação como uma defesa da pureza da fé, ao mesmo tempo em que estão realmente desconsiderando a essência central do verdadeiro cristianismo. Oh, amados irmão e irmãs em Cristo, este espírito sectário, que enxerga heresia até mesmo em diferenças ínfimas de teologia, prática, ou instituição, nunca deveria ter permanecido como herança da Igreja Romana. Não existe na comunhão dos verdadeiros cristãos. Tal espírito é inevitável num sistema institucional como o romano, já que é a única maneira de alcançar a unidade numa

instituição; mas o Espírito de Deus vivendo na *eclésia* torna o sectarismo não só desnecessário, mas um *pecado*.

Que Deus conceda a cada um de nós a graça de simplesmente subir acima da igreja *do homem* e a ter ousadia de reconhecer a liberdade e a realidade da igreja simples que Jesus de Nazaré fundou.

-oo0oo-

## CAPÍTULO 12

### Será Possível essa União?

O movimento ecumênica da igreja tem se tornado um elemento importante da comunidade cristã na presente geração, mas enquanto sua tentativa de união se limita aos instrumentos de credos, instituições e organizações, o que nos resta é esperar desapontamento e fracasso. De fato, como mencionei antes, é bem provável que esse movimento crie uma nova seita com novos dogmas e instituições.

É muito difícil unir os credos e instituições das muitas centenas de denominações ou igrejas. Na verdade, é quase impossível, pois muitas delas têm credos e interpretações todo-especiais da Bíblia, dos quais elas se orgulham tanto que lhes seria um suicídio abandonar ou mudá-los.

Se fizer uma tentativa de descobrir o maior denominador comum dos credos das centenas de seitas que existem, o resultado será simplesmente que todas dizem: "Cremos em um só Deus", e todos os demais credos importantes teriam que ser ignorados. Se pelo contrário, alguém tentar achar o "mínimo múltiplo comum" dos credos, tal credo teria que incluir muitas ideias contraditórias, o que acabaria anulando o próprio credo.

Mesmo "comunhão com Cristo e Deus" não funcionaria como o credo de tal instituição conglomerada que muitos atualmente estão querendo produzir. Essa comunhão ou *Koinonia* não possui nenhum sinal exterior que se pudesse identificar e que portanto servisse para essa situação. *Koinonia* é um *fato*, que não pode ser incluída em doutrinas ou credos, ou instituições ou rituais, *mas que deve ser experimentada*.

Se tomarmos essa *koinonia* como o centro da fé cristã, recusando-nos a possuir quaisquer credos, instituições ou coisa semelhante como elemento essencial e central, nossa união então consistirá de *amor*. Somos ligados pelo amor que temos para com aqueles que percebemos ser "co cristãos" através da sua confissão de Cristo e da sua vida diária de fé e amor.

Isto parecerá muito vago e incerto àqueles que desejam ver sinais exteriores como prova de que alguém é cristão, no entanto, todos

aqueles que já experimentaram isto em qualquer medida real, sabem que na vida diária dos crentes o amor de Deus fará com que a união se torne muito real e prática. Não era assim com aquele pequeno grupo que creu em Jesus logo após o dia de Pentecoste (At 2.43,44)? Nessa base, podemos ter uma *eclésia* em amor. Pode haver muitas diferenças de opinião, mas nenhuma inimizade.

Atualmente todas as seitas e denominações subsistem lado a lado. Cada uma pensa que é a única igreja verdadeira, ou pelo menos a expressão mais correta dela. Cada um considera seu dever converter outros à sua fé. Colocam grandes "rótulos" em si mesmas, para demonstrar os pontos especiais e notáveis da sua crença. Fazem propaganda da sua "marca" do cristianismo a fim de conseguir o maior número possível de convertidos. Dão ênfase e relevo especial às suas "marcas-registradas" ou credos particulares, salientando-os e ressaltando-os o máximo possível. Condenam a mercadoria de outros "viajantes" como sendo de qualidade inferior e admoestam as pessoas e não compram deles.

Dessa forma, no mercado cristão as diversas marcas estão competindo umas com as outras nas suas campanhas comerciais, da mesma forma que procedem as empresas no mundo. Vez por outra, podem se unir para fazer uma campanha conjunta contra o paganismo, mas no fim não se satisfazem enquanto cada uma não se gabar da sua própria superioridade sobre as demais. Desta forma, as igrejas nunca poderão ter verdadeira unidade, ainda que falassem todos os dias a respeito dela.

Por outro lado, a unidade é bem possível se os cristãos viverem simplesmente em comunhão com Deus e com Cristo, e ao mesmo tempo uns com os outros, aceitando as diferenças de entendimento das doutrinas e outras distinções menores como variações razoáveis que se devem a divergências individuais e pessoais. Se reconhecermos que essa variedade tornará, em muitos casos, a vida do corpo de Cristo mais completa e abundante, poderemos até respeitar diferenças e com amor ajudar mutuamente o corpo de Cristo a crescer.

Se tomarmos essa atitude, nunca nos ensoberbeceremos na nossa fé e poderemos guardar a admoestação de Paulo aos santos de Filipos: "Se há, pois, alguma exortação em Cristo, alguma comunhão do Espírito, se há entranhados afetos e misericórdias, completai a minha alegria de modo que penseis a mesma coisa, tenhais o mesmo amor, sejais unidos de alma, tendo o mesmo sentimento. Nada façais por partidarismo, ou vangloria, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo. Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros" (Fp 2.1-4).

A gloriosa unidade da *eclésia* poderá ser realizada somente nessa atitude de *amor* - suportando e tolerando uns aos outros, respeitando os dons especiais dos outros, e assim aperfeiçoando o corpo de Cristo. Devemos abandonar a atitude que diz que "ortodoxia é *minha* doutrina e heterodoxia é a *sua* doutrina", e unir-nos em comunhão amorosa com Deus e Cristo.

Então, como Paulo diz: "seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é o cabeça, Cristo, de quem *todo* o corpo, bem ajustado e consolidado, pelo auxílio de *toda junta*, segundo a justa *cooperação da cada parte*, efetua o seu próprio aumento para a edificação de sim mesmo em *amor*" (Ef 4.15,16; ver também Cl 2.19).

Essa é a unidade verdadeira da *eclésia*, o corpo de Cristo. Sendo um *organismo*, não existe um método humano capaz de produzi-lo. Vida como organismo tem sua fonte na própria vida e não numa organização. *Enquanto os cristãos pensarem de si mesmo em termos de uma instituição, nunca haverá unidade em Cristo*. As igrejas no seu estado atual nunca podem se unir, porque sua própria existência se baseia no princípio de divisão a fim de limitar a comunhão e distinguir visivelmente quem tem a fé de quem não a tem.

A *eclésia* não precisa se unir, pois sua própria existência é baseada no fato de uma unidade já existente. Essa unidade é a unidade gloriosa de todos nós formando *um corpo em Cristo*, o qual, pela sua própria *vida*, está em comunhão (*koinonia*) constante com o Cristo vivo. Oh, queridos companheiros de fé, se vemos essa verdade simples e maravilhosa, ousemos abandonar tudo mais a fim de *experimentá-la!* Deus permita que assim seja!

-oo0oo-

## PARA ONDE IREMOS DAQUI?

por John Walker

O leitor acaba de estudar uma dissertação que, depois de séria reflexão e plena compreensão, pode bem revolucionar seu modo de pensar, transformando toda a sua atitude e relacionamento, não só para com todos os seus irmãos em Cristo no mundo inteiro, mas também para com o seu próprio Senhor e Salvador. Comunhão com Deus Pai no nosso Senhor Jesus Cristo, através do Espírito Santo, tanto constitui a base da nossa salvação, como também é o único meio de efetuar a perfeita união da igreja e a evangelização do mundo, em favor das quais o Senhor Jesus orou em João 17.

Bela e verdadeira como esta visão for, é possível que ela ainda deixe muitos leitores com um sentimento inquietante que diz: "Muito bem, concordo plenamente com tudo isso, mas o que afinal poderá ser feito por mim e outros de uma maneira prática?" Esse sentimento surge

pelo fato de que o impulso dessa mensagem é basicamente negativo, e é necessário que seja assim. O primeiro passo para alcançar a verdadeira e perfeita unidade da igreja de Jesus Cristo é destruir, de uma vez por todas, qualquer esperança ou confiança em todas as bases falsas de unidade que têm falhado tão miseravelmente durante todos os séculos da história da igreja. Nós não podemos confiar mais em doutrina, organização, personalidades dinâmicas, experiência subjetivas, dons espirituais, nem "na base da localidade" (uma igreja só para cada cidade) para unir o corpo de Cristo.

Mas, para onde iremos daqui? Nosso irmão Kurosaki nos deu a única chave segura: comunhão. No entanto, há perigo de que esse conceito permaneça no campo teórico, se não encontrarmos um direção prática para seguir. Qual é a aplicação prática de "união através de comunhão"?

Creemos que a resposta se encontra na palavra de Deus: Efésios 4.1-16. Com a sua Bíblia aberta nessa passagem chave, que poderia ser intitulada "a constituição da igreja do Novo Testamento", gostaríamos de apresentar um breve esboço do plano de Deus:

Da unidade do Espírito	-----	até a unidade da fé
versículo três		versículo treze
(comunhão)		(união)

1. O início -- vv. 1-6: Comunhão no Espírito com Deus e com todos os seus filhos.
2. Os meios -- vv. 7-12: Apóstolos, Profetas, Evangelistas, Pastores, Mestres.
3. O fim -- vv. 13-16: União do corpo de Cristo.

Creemos que esta passagem da Escritura não representa teologia, mas *profecia*. É o plano de ação que Deus deu para os últimos dias da era da igreja. Uma igreja gloriosa, unida no amor divino, será apresentada a Jesus Cristo na sua vinda *através dos instrumentos específicos, como meios práticos, de apóstolos e profetas e os outros membros dos cinco ministérios que, de acordo com a afirmação de Paulo, estarão funcionando plenamente no tempo do fim.* (Ver as mensagens publicadas por nós: "O MINISTÉRIO DO APÓSTOLO" e "O MINISTÉRIO DO PROFETA". )

Mas, notemos cuidadosamente que esta passagem da Palavra de Deus confirma o ponto enfatizado por kurosaki no seu tratado. Tudo inicia pela comunhão com Jesus Cristo através do Espírito. Os *apóstolos e profetas somente serão restaurados à igreja através do andar prático de todos aqueles que são chamados a esses ministérios*



*fundamentais, "com toda humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz" (vv.2,3). A partir de relacionamentos operativos de amizade, confiança, reconhecimento e submissão mútua, surgirá a companhia apostólica que ao mesmo tempo é o fundamento (Ef 2.20) e lança o fundamento (1 Co 3.10,11) da igreja gloriosa que o Senhor Jesus vem receber (Ef 5.27). Desta forma, vemos o significado prático do plano divino de "união através de comunhão". Que todo o povo de Deus receba um peso para orar, e seja vivificado para agir em passos específicos e drásticos em favor do cumprimento dessa visão gloriosa nos nossos dias.*

**-oo00oo-**



